

Bananão e Bananinha contra o Brasil

Trump e Bolsonaro

atacam agora o PIX

e até a 25 de Março



Nas bancas toda quarta e sexta-feira

Ricardo Stuckert - PR



Lula cria comitê com empresários para enfrentar o ataque estrangeiro

O presidente Lula se reuniu já na noite de domingo (13), em Brasília, para detalhar a criação de um comitê do governo com empresários para discutir saídas diante do tarifaço imposto ao país por Donald Trump. O objetivo do governo é organizar a resistência nacional contra o ataque estadunidense ao país. A constituição do comitê foi decidida em reunião no Palácio da Alvorada com ministros da área econômica, política e o presidente do Banco Central, Gabriel Galípolo. O governo lançou uma série de vídeos chamando a população a defender o Brasil. **Página 3**

Bilhete usado por Torres para dizer que estava longe no 8/1 era falso

A Procuradoria-Geral da República afirmou que Anderson Torres usou bilhete de passagem falso para justificar a ausência dele em Brasília, em 8 de janeiro de 2023, o que aponta para a sua convivência com os atos violentos na data. Para a PGR, a “escandalosa constatação” coloca “em xeque a versão do réu de que sua viagem já se encontrava agendada desde muito antes”. **Pág. 3**



ANO XXXV - Nº 4.009 16 a 22 de Julho de 2025



Golpista a serviço dos EUA investe contra economia e a soberania do Brasil

A pós a imposição de sobretaxas de 50% sobre os produtos brasileiros, com o objetivo declarado de intervir e submeter a Justiça brasileira a não condenar um criminoso pelo seu crime, o governo de Donald Trump agora está atacando o siste-

ma brasileiro de PIX e até o comércio popular da rua 25 de Março, em São Paulo. Trump, apelidado nos EUA de TACO (Trump Sempre Amarela, em tradução livre, ou um grande banana), está sendo insuflado por Eduardo Bolsonaro, chamado pelo ex-vice-presidente Mourão de Bananinha. **Pág. 3**



Estadão: 'O patriota fajuto'

“Soberania nacional é inegociável”, reage Josué, presidente da Fiesp



Foto de 15 de julho mostra a destruição de Gaza por Israel, uma política de extermínio do povo palestino

Gaza: Israel mata com míssil 6 crianças que coletavam água

Um míssil israelense atingiu um ponto de distribuição de água no campo de refugiados de Nuseirat, na Faixa de Gaza, no domingo (13), matando oito palestinos – a maioria crianças – e ferindo

outras 17 pessoas, segundo autoridades locais. O médico Ahmed Abu Saifan, do Hospital Al-Awda, relatou que seis das vítimas fatais eram crianças que estavam coletando água no local. A escassez de água em Gaza atinge níveis críticos, com a falta de combustível paralisando usinas de dessalinização e sistemas de saneamento. A população depende cada vez mais de pontos de distribui-

ção improvisados para obter água potável, aumentando a exposição aos tiros e bombas de Israel. Em outro episódio, no mesmo dia, 12 pessoas foram mortas em bombardeio a um mercado. **Página 6**

Milhares de pessoas que participaram na noite da quinta-feira (10) de uma manifestação na Avenida Paulista, em São Paulo, repudiaram as agressões de Trump ao Brasil. O ato foi inicialmente convocado em defesa da taxa dos bilionários, pelo fim da escala de trabalho 6x1 e pela isenção de imposto de renda para quem ganha até R\$ 5 mil. **Página 4**

O presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo, Josué Gomes da Silva, divulgou nota sobre a elevação das tarifas em 50% imposta unilateralmente pelo presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, contra a importação de todos os produtos brasileiros. “Quando razões não econômicas são usadas para justificar a quebra de todo o regramento comercial e do direito internacional, é importante reafirmar esses princípios”, afirmou, seguindo: “entendemos que a soberania nacional é inegociável. Este é um princípio balizador”. **Pág. 2**

PGR pede a condenação de Bolsonaro por articular golpe

A Procuradoria-Geral da República (PGR) apresentou, na segunda-feira (14), suas alegações finais e pediu a condenação de Jair Bolsonaro e mais sete aliados próximos por tentativa de golpe de Estado. O ex-presidente foi “principal articulador, maior beneficiário e autor dos mais graves atos executórios voltados à ruptura do Estado democrático de Direito”, afirmou a PGR. **Pág. 3**

Ato na Paulista repudia ataques de Trump e pede fim da escala 6x1

Milhares de pessoas que participaram na noite da quinta-feira (10) de uma manifestação na Avenida Paulista, em São Paulo, repudiaram as agressões de Trump ao Brasil. O ato foi inicialmente convocado em defesa da taxa dos bilionários, pelo fim da escala de trabalho 6x1 e pela isenção de imposto de renda para quem ganha até R\$ 5 mil. **Página 4**

“Tarifaço de Trump e a questão nacional”, por Kliass

Pág. 8

“Soberania é inegociável”, afirma presidente da Fiesp sobre tarifaço



Josué: “É importante lembrar que os EUA têm relevante superávit com o Brasil não só na balança comercial, mas, ainda maior, também na balança de serviços”



Para CNA, medida unilateral de Trump contra produtos brasileiros não se justifica

“A economia e o comércio não podem ser injustamente afetados por questões de natureza política”, diz a Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil

A Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA) também divulgou nota condenando a decisão do governo dos Estados Unidos “de impor tarifas adicionais de 50% sobre todas as importações de produtos brasileiros”.

A entidade frisa na carta, divulgada nesta quinta-feira (10), que se trata de uma medida unilateral e injustificada.

“Esta medida unilateral não se justifica pelo histórico das relações comerciais entre os dois países, que sempre se desenvolveram em clima

de cooperação e de equilíbrio, em estrita conformidade com os melhores princípios do livre comércio internacional”.

Um dia antes, o presidente Donald Trump anunciou que, a partir de agosto, os produtos brasileiros serão sobretaxados como medida de retaliação pelo tratamento que Jair Bolsonaro – réu no Brasil por seus atentados contra a democracia – tem recebido. A tentativa de interferência de Trump é considerada um ataque à soberania e foi respondida pelo presidente Lula com a garantia de que será tra-

tado sobre os princípios de reciprocidade.

Para a CNA, as medidas de Trump “prejudicam as economias dos dois países, causando danos a empresas e consumidores”.

“Os produtores rurais brasileiros consideram que essas questões só podem ser resolvidas em benefício comum por meio do diálogo incessante e sem condições entre os governos e seus setores privados. A economia e o comércio não podem ser injustamente afetados por questões de natureza política”, diz a entidade.

“Prévia” do PIB cai 0,7% em maio, seguido BC

Resultado do mês reflete especialmente o desempenho da agropecuária, que registrou queda acentuada de 4,2%, e da indústria, caindo 0,5%

O Índice de Atividade Econômica do Banco Central (IBC-Br) apresentou uma queda da atividade econômica do país em 0,7% em maio em relação a abril (0,1%), na série com ajuste sazonal. O índice, divulgado nesta segunda-feira (14), é considerado uma “prévia” do Produto Interno Bruto (PIB), índice oficial da atividade econômica de responsabilidade do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

O resultado do mês reflete especialmente o desempenho da agropecuária que registrou uma queda acentuada de 4,2% e com a indústria recuando também em 0,5%. O setor de serviço, com maior participação na apuração do IBC-Br, ficou estável.

É a primeira vez no ano que o indicador recua. A última contração havia sido em dezembro de 2024, quando o índice caiu -0,93%. O IBC-Br teve alta de 3,2% na comparação com maio do ano

passado, já o crescimento acumulado no ano chegou a 2,6%. Em 12 meses, a variação está em 4%.

O resultado do mês ficou muito aquém da expectativa registrada em pesquisa da Reuters que previa estabilidade do índice, mesmo com o ambiente de política monetária restritiva. No entanto, os dados reforçam a tendência da perda de fôlego na economia.

A mais recente pesquisa Focus realizada pelo Banco Central (BC) mostrou que a expectativa do mercado financeiro para a expansão do PIB em 2025 é de 2,23%, indo a 1,89% em 2026. Em 2024, o PIB brasileiro cresceu 3,4%. É uma firme aposta de queda da atividade econômica.

O principal instrumento para provocar a derrubada do PIB são os juros estratoféricos orquestrados pela taxa Selic (BC), taxa de juros básicos da economia, a despeito de controlar a inflação,

provoca encarecimento do crédito para o consumo e derruba os investimentos.

Durante a última reunião do Comitê de Política Monetária (Copom), em junho, o BC elevou a taxa Selic para 15% ao ano, maior nível em quase duas décadas, e sinalizou que pretende manter os juros altos por um período prolongado.

Os juros exorbitantes, que o governo fica obrigado a pagar aos bancos, tira dinheiro do Tesouro para outras necessidades e impede que o governo faça investimentos, fator fundamental para atrair investimentos privados e fazer o país prosperar. Não querem saber disso, querem mais e mais tomar o orçamento público para si, não tendo nenhum acanhamento em pressionar cortes sociais, inclusive os mais necessários como o Benefício de Prestação Continuada (BPC), um programa dirigido a idosos miseráveis e incapacitados para o trabalho.

“Quando razões não econômicas são usadas para justificar a quebra de todo o regramento comercial e do direito internacional, é importante reafirmar esses princípios”, afirma Josué Gomes da Silva

O presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo, Josué Gomes da Silva, divulgou nota sobre a elevação das tarifas em 50% imposta unilateralmente pelo presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, contra a importação de todos os produtos brasileiros.

De acordo com a nota, “o Brasil, assim como os Estados Unidos, é uma nação soberana em que prevalece o estado democrático de direito assentado sobre um sistema de tripartição de poderes independentes (o Executivo, o Legislativo e o Judiciário) e, vale enfatizar, muito inspirado nos princípios instituídos pelos Founding Fathers da América”.

O presidente da Fiesp destaca que “quando razões não econômicas são usadas para justificar a quebra de todo o regramento comercial e do direito internacional, é importante reafirmar esses princípios”.

“Apesar do impacto negativo para a indústria brasileira da elevação de tarifas unilateralmente pelos EUA, entendemos que a soberania nacional é inegociável. Este é um princípio balizador”.

Leia a seguir a nota da Fiesp, divulgada no dia 10 de julho:

POSICIONAMENTO

O Brasil, assim como os Estados Unidos, é uma nação soberana em que prevalece o estado democrático de direito assentado sobre um sistema de tripartição de poderes independentes (o Executivo, o Legislativo e o Judiciário) e, vale enfatizar, muito inspirado nos princípios instituídos pelos Founding Fathers da América.

Podem parecer desnecessária essa afirmação, mas, quando as razões não econômicas são usadas para justificar a quebra de todo o regramento comercial e do direito internacional, é importante reafirmar esses princípios.

Apesar do impacto negativo para a indústria brasileira da elevação de tarifas unilateralmente pelos EUA, entendemos que a soberania nacional é inegociável. Este é um princípio balizador.

Negociar com serenidade, a partir de fatos e estatísticas verdadeiras, é de interesse comum às empresas brasileiras e americanas, que sempre foram bem-vindas ao Brasil. A livre atuação das empresas americanas, como de qualquer empresa nacional ou de outro país, deverá ser assegurada nos termos da legislação brasileira.

É importante lembrar que os EUA têm relevante superávit com o Brasil não só na balança comercial, mas, ainda maior, também na balança de serviços. Desconhecer mais de 200 anos de excelentes relações internacionais e comerciais não atende a nenhum dos dois países.

São muitas as oportunidades de mais e maiores negócios entre Brasil e EUA em benefício de nossas populações. Da exploração de terras raras ao desenvolvimento de padrões mundiais para os biocombustíveis, inclusive o SAF; do desenvolvimento de medicamentos à integração energética (como etanol e gás natural); dos investimentos conjuntos para a digitalização da economia ao uso da abundante geração de energia elétrica de fontes renováveis e baratas para o processamento de dados de ambos os países são apenas algumas das oportunidades em que empresas e governos deveriam focar.

Esperamos que a diplomacia e as negociações equilibradas prevaleçam, a despeito de ideologias e preferências pessoais, e que o bom senso volte a nortear a relação entre essas duas grandes nações soberanas.

Josué Gomes da Silva
Presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo - FIESP

Empresários de diversos setores reagem aos ataques de Trump

Lideranças de diversos setores da indústria exportadora no Brasil reagiu com surpresa e indignação à decisão do presidente dos Estados Unidos de impor a tarifa de 50% aos produtos importados do Brasil, que começa a valer em 1º de agosto contra “qualquer e todo produto brasileiro”, segundo carta divulgada por Trump.

CARNES

Para a Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carnes (Abiec) a medida representa um “entrancheamento ao comércio internacional” e ameaça a segurança alimentar global. “Qualquer aumento de tarifa sobre produtos brasileiros impacta negativamente o setor produtivo da carne bovina”, disse a entidade, em nota, na quarta-feira (9). “Questões geopolíticas não devem se transformar em barreiras ao abastecimento global”, afirmou a entidade. Os Estados Unidos “recebem nossos produtos com qualidade, regularidade e preços acessíveis”, destacou a associação representante do Brasil do setor que tem nos EUA o segundo principal destino das exportações de carne bovina brasileira.

SUCOS

Para a CitruBR, os representantes de sucos foram “pegos de surpresa” e é uma “péssima notícia”, segundo o diretor executivo da CitruBR, Ibiapaba Netto. “Entendemos que essa medida afeta não apenas o Brasil, mas toda a indústria de sucos nos Estados Unidos, que emprega milhares de pessoas e tem o Brasil como principal fornecedor externo há décadas”, declarou ao Estadão. Com a tarifa vigente de

10%, “não se sabe, novamente, se essa tarifa de 50% será cumulativa ou não”, completou Neto. O Brasil é o maior exportador de suco de laranja e para os Estados Unidos.

CAFÉ

O Conselho dos Exportadores de Café do Brasil (Cecafé) manifestou em nota que a elevação da tarifa a 50% sobre o café trará efeitos negativos para o setor e para os EUA. “Quem vai ser onerado é o consumidor norte-americano. Tudo que gera impactos ao consumo é ruim para o fluxo do comércio, para a indústria e para o desenvolvimento dos países produtores e consumidores”, disse, em nota à reportagem do Estadão, o diretor-geral do Cecafé, Marcos Matos.

“Os Estados Unidos são o país mais importante em termos de consumo de café, com cerca de 24 milhões de sacas por ano, e o Brasil é o principal fornecedor, com mais de 30% de participação no mercado”, afirmou. Até então, lembrou o diretor do Cecafé à reportagem, o Brasil era taxado em 10% para exportar café ao mercado americano, mesma alíquota aplicada a outros concorrentes, como Colômbia e Honduras. Já Vietnã, Indonésia e Nicarágua pagavam entre 18% e 30%.

De acordo com o Cecafé, os Estados Unidos lideraram as importações do produto brasileiro de janeiro a maio deste ano, com 2.874.250 sacas de 60 kg, uma participação de 17,1% em todo o volume embarcado pelo País.

Leia mais: <https://horadopovo.com.br/empresarios-reagem-ao-ataque-de-trump-contra-o-brasil-e-dizem-que-e-tiro-no-pe-dos-eua/>



Relação carnal:

“Sou apaixonado pelo Trump”, diz Bolsonaro

Mesmo diante das ameaças ao Brasil, Bolsonaro declarou que tem profunda gratidão por Trump. “Fizemos planos. Parece que estávamos até namorando”, disse o bajulador

Jair Bolsonaro já havia confessado, no último fim de semana, sua cumplicidade com a chantagem criminosa de Donald Trump contra o Brasil. Ele admitiu que era só parar o seu julgamento no Supremo Tribunal Federal (STF) que as tarifas seriam suspensas imediatamente. Uma prova cabal de seu envolvimento no ataque ao Brasil e da vergonhosa traição à pátria.

Agora, em entrevista ao site Poder 360, nesta terça-feira (15), o conluio entre os dois [Trump e Bolsonaro] ficou ainda mais evidente. Mesmo diante da ameaça do ditador da Casa Branca de causar um forte dano à economia do Brasil e aos trabalhadores com a sobretaxa de 50% sobre todos os produtos brasileiros, Jair Bolsonaro declarou: “eu sou apaixonado pelo Trump”. Uma relação de dar inveja a Milei, que se acha o campeão da bajulação a Trump.

Bolsonaro não manifesta a menor preocupação com o sofrimento e a fome que a medida unilateral de Trump possa causar aos brasileiros, que estão ameaçados de perder salários e até mesmo seus empregos. O exportadores poderão ter que fechar as portas e a economia poderá sofrer um grande baque. Nenhum desses problemas sensibiliza Bolsonaro. Ele só pensa em bajular Trump para ficar impune e se livrar da Justiça. O Brasil que se dane.

Indiferente a tudo de mau que a guerra tarifária dos EUA pode causar à economia do Brasil, o serviço afirmou: “Tenho uma profunda gratidão por ele [Trump]”. Ele tem gratidão pelo que Trump está fazendo com o Brasil. É a traição mais escandalosa que já se viu ao Brasil em toda a sua história.

Mas, ele prossegue: “Tivemos um excelente relacionamento. Fizemos planos. Parece que estávamos até namorando”, disse Bolsonaro, ao descrever conversas, durante sua passagem pelo Planalto, em que prometia ao chefe da Casa Branca entregar muito minério brasileiro às empresas americanas. O relato mostra que o “affair” entre os dois realmente é muito mais intenso do que se pensava.

Mesmo diante dos ataques ao Brasil e dos problemas que isso vai causar aos brasileiros, Bolsonaro disse, durante a entrevista, que ele tem uma grande admiração pelos Estados Unidos. Ou seja, é um vassalo completo aos americanos. Não é por acaso que ele foi visto muitas vezes fazendo continência para a bandeira americana. E não é à toa, também, que, nos atos antidemocráticos organizados por ele, pululam bandeiras dos EUA e de seu satélite do Oriente Médio, além de frases em inglês pedindo intervenção americana no Brasil.

Jair Bolsonaro não demonstra nenhum respeito pelo Brasil ou preocupação pelas consequências que essas medidas unilaterais de Trump causarão ao país. Nada disso lhe interessa. O seu lado é o dos Estados Unidos e de Trump e ponto final. Ele participa da chantagem, ao lado de Trump, e contra o Brasil. Agora, repete cinicamente as ameaças externas feitas pelos EUA contra a economia e a Justiça brasileira.

SÉRGIO CRUZ

Continua: <https://horadopovo.com.br/relacao-carnal-sou-apaixonado-pelo-trump-diz-bolsonaro/>

Escreva para o HP

horadopovo@horadopovo.com.br

HORA DO POVO
é uma publicação do
Instituto Nacional de
Comunicação 24 de agosto
Rua Mazzini, 177
Cambuci - CEP: 01528-000
São Paulo-SP
E-mail: inc24agosto@gmail.com
C.N.P.J 23.520.750/0001-90

Editor-Geral: Clóvis Monteiro Neto
Redação: fone (11) 2307-4112
E-mail: horadopovo@horadopovo.com.br
E-mail: comercial@horadopovo.com.br
E-mail: hp.comercial@uol.com.br
Redação: Rua Mazzini, 177 - São Paulo - CEP: 01528-000

Sucursais:
Rio de Janeiro (RJ): IBSCS - Rua Marechal Marques Porto 18, 3º andar, Tijuca - Fone: (21) 2264-7679
E-mail: hprj@oi.com.br

Brasília (DF): SCS Q 01 Edifício Márcia, sala 708 - CEP 70301-000
Fone-fax: (61) 3226-5834 E-mail: hp.df@ig.com.br

Belo Horizonte (MG): Rua Mato Grosso, 539 - sala 1506 Barro Preto CEP 30190-080 - Fone-fax: (31) 271-0480
E-mail: horadopovomg@uol.com.br

Salvador (BA): Fone: (71) 9981-4317 - E-mail: horadopovobahia@oi.com.br

Recife (PE): Av. Conde da Boa Vista, 50 - Edifício Pessoa de Melo, sala 300 - Boa Vista - CEP 50060-004
Fones: (81) 3222-9064 e 9943-5603
E-mail: horadopovope@yahoo.com.br

Belém (PA): Avenida Almirante Barroso/Passagem Ana Deusa, 140 Curió-Utinga - CEP 66610-290. Fone: (91) 229-9823

Correspondentes: Fortaleza, Natal, Campo Grande, Rio Branco, João Pessoa, Cuiabá, Porto Alegre, Florianópolis e Curitiba.

www.horadopovo.com.br



Ricardo Stuckert/PR

Publicou decreto da Lei da Reciprocidade Lula cria comitê com empresários contra a agressão estrangeira

O presidente Lula se reuniu na noite de domingo (13) em Brasília para detalhar a criação de um comitê do governo com empresários para discutir saídas diante do tarifaço imposto ao país por Donald Trump.

O objetivo do governo é organizar a resistência nacional contra o ataque estadunidense ao país. A constituição do comitê foi decidida em reunião no Palácio da Alvorada com ministros da área econômica, política e o presidente do Banco Central, Gabriel Galípolo.

A formação do comitê é um passo a mais do governo Lula para demonstrar o esforço do país, envolvendo diferentes setores da sociedade na busca por soluções. O governo já lançou uma série de vídeos chamando a população a defender o Brasil.

A convocação do empresariado na resposta a Trump reforça a avaliação do presidente de que o tarifaço não é um problema de governo, mas uma questão nacional. O vice-presidente, Geraldo Alckmin, que esteve na reunião, já deve se encontrar com empresários e trabalhadores já na segunda-feira (14).

A reunião no Alvorada contou com a presença, além do presidente e do vice e ministro do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços, Geraldo Alckmin; do ministro da Fazenda, Fernando Haddad; do titular da Agricultura, Carlos Fávaro; da ministra das Relações Institucionais, Gleisi Hoffmann; do ministro da Secretaria de Comunicação, Sidônio Palmeira; além de Maria Laura da Rocha, secretária-geral do Itamaraty, e Miriam Belchior, secretária-executiva da Casa Civil.

A presença de representantes de áreas estratégicas do governo na reunião evidencia a preocupação com os impactos econômicos e políticos da provocação americana. Os líderes das duas casas do Congresso Nacional já haviam se manifestado contra os ataques de Trump ao Brasil.

O envolvimento da família Bolsonaro e de governadores bolsonaristas em apoio ao ataque de Trump trouxe grande desgaste para a oposição. Bolsonaro chegou a repetir, ele próprio, no sábado, a chantagem feita por Trump contra o Brasil. Trump exigiu impunidade para os golpistas que estão sendo julgados no Brasil.

Lula comandou uma resposta firme e também pregou o diálogo como caminho para tentar reverter a taxaço. A recomendação do presidente é que integrantes do governo procurem autoridades americanas para tratar do tema de forma técnica. A expectativa do Planalto é que o histórico de boa relação comercial entre os dois países possa ajudar a reverter a decisão.

O Brasil é um dos poucos países do mundo que têm déficit comercial com os Estados Unidos. Caso o caminho da negociação não prospere, o governo já tem preparado o decreto de reciprocidade tarifária, resultado da lei de reciprocidade aprovada este ano por ampla maioria no Congresso Nacional.

A chamada Lei da Reciprocidade, que permitiria aplicar tarifas equivalentes sobre produtos americanos, deve ser considerada apenas se os esforços de negociação não forem adiante. A previsão é que o governo deve publicar nesta semana o decreto que regulamenta a Lei da Reciprocidade Econômica.

Segundo interlocutores, Lula teria reforçado que, neste momento, o foco segue sendo a tentativa de reversão da medida a partir do diálogo com os Estados Unidos.

Donald Trump ataca agora o PIX e a rua 25 de Março

AFP/Fotos Públicas



Donald Trump insiste no ridículo e volta a atacar o Brasil e os brasileiros

Procuradoria pede condenação e afirma que Jair Bolsonaro foi o “principal articulador” do golpe

A Procuradoria-Geral da República (PGR) apresentou, na noite de segunda-feira (14), suas alegações finais e pediu a condenação de Jair Bolsonaro e mais sete aliados próximos por tentativa de golpe de Estado.

O ex-presidente foi “principal articulador, maior beneficiário e autor dos mais graves atos executórios voltados à ruptura do Estado democrático de Direito”, indica a PGR no documento.

Agora serão contados 15 dias para que o colaborador Mauro Cid entregue suas alegações. Em seguida, as demais defesas terão 15 dias para apresentar seus últimos argumentos.

Ao fim disso, a Primeira Turma do Supremo (Cristiano Zanin, Cármen Lúcia, Luiz Fux, Alexandre de Moraes e Flávio Dino) poderá realizar o julgamento.

Os réus do chamado “núcleo crucial” são: Jair Bolsonaro, Alexandre Ramagem, Anderson Torres, o almirante Almir Garnier, os generais Augusto Heleno, Paulo Sérgio Nogueira e Braga Netto e o tenente-coronel Mauro Cid.

ATAQUES
Um dos pontos levantados pela PGR é de que Jair Bolsonaro “mobilizou sistematicamente” pessoas e recursos do Estado brasileiro para “propagar narrativas inverídicas, provocar a instabilidade social e defender medidas autoritárias”.

O grupo criminoso que ele liderava atacou de forma contínua o uso das urnas eletrônicas nas eleições com “o propósito de animar apoiadores de medidas inconstitucionais”, em um cenário de possível derrota eleitoral. A PGR avalia que esse não era o caso de uso da liberdade de expressão, mas de “artifício de deslegitimação do processo eleitoral”.

É citada como “ato inaugural” a transmissão ao vivo feita em 29 de julho de 2021, na qual Bolsonaro apresentou dados falsos em ato “cuidadosamente arquitetado” junto a Augusto Heleno, então ministro do Gabinete de Segurança Institucional (GSI), e Alexandre Ramagem, então chefe da Agência Brasileira de Inteligência (Abin). “Não se tratou de um desabafo eventual, mas da execução de estratégia”, aponta a PGR.

Os ataques às urnas eletrônicas por parte de Jair Bolsonaro seguiram ocorrendo em diversas lives e entrevistas, inclusive elevando o tom contra o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) e ameaçando o uso das Forças Armadas.

“A retórica do golpe foi paulatinamente transformada em diretriz política de governo, com o propósito de subverter a ordem constitucional e instaurar um regime à margem da soberania popular”, comenta a Procuradoria.

Bolsonaro até mesmo ordenou, em reunião com ministros no dia 5 de julho de 2022, que seus subordinados fizessem coro com as denúncias falsas de fraude nas urnas eletrônicas. E também convocou embaixadores estrangeiros para que ouvissem seu discurso mentiroso de ataque ao processo eleitoral brasileiro.

De acordo com a PGR, os demais réus agiram sob “coordenação, inspiração e determinação derradeira do ex-presidente da República” Jair Bolsonaro.

O órgão pediu sua condenação pelos crimes de organização criminosa, tentativa de abolição violenta do Estado Democrático de Direito, tentativa de golpe de Estado, dano qualificado contra o patrimônio público da União e deterioração de patrimônio tombado.

RELATÓRIO

A PGR também afirma que Jair Bolsonaro agiu de forma criminosa ao determinar o atraso da entrega do relatório das Forças Armadas acerca da lisura do processo eleitoral. O documento estava pronto e poderia ser entregue ao final do primeiro turno, mas por decisão de Bolsonaro, que pretendia jogar dúvidas sobre o pleito, só foi entregue depois do segundo turno.

Além disso, o então presidente da República exigiu que o relatório das Forças Armadas não concluísse pela inexistência de fraude. Como não conseguia apontar qualquer indício de que o pleito foi fraudado, exigiu então que “a conclusão do documento fosse evasiva”.

PARALELA

A investigação revelou que Jair Bolsonaro instrumentalizou a Abin (Agência Brasileira de Inteligência) e o GSI (Gabinete de Segurança Institucional) para sua utilização como “instância de inteligência paralela”, à qual o ex-presidente

tinha “acesso direto e sem intermediação”.

Policiais Federais cedidos à Agência compunham um núcleo de “contrainteligência” que fazia uso de ferramentas como a First Mile “para espionar, sem autorização judicial, diversos alvos considerados adversários políticos”.

Entre os espionados estavam os ministros do STF, Alexandre de Moraes, Dias Toffoli, Luiz Fux e Luís Roberto Barroso, diversos parlamentares, como os ex-presidentes da Câmara, Arthur Lira e Rodrigo Maia, e os senadores da CPI da Pandemia, servidores públicos e jornalistas, entre outros.

DECRETO

Todo o processo narrado pela PGR em suas alegações finais tinha como objetivo criar um cenário em que fosse possível a realização de um golpe de Estado. A efetivação do golpe, por fim, se daria por meio da assinatura de um decreto que anularia as eleições, determinaria a prisão de autoridades contrárias e manteria Jair Bolsonaro no poder.

Esse decreto, conforme mostra a Procuradoria-Geral da República, foi produzido e editado por Jair Bolsonaro. Ele chegou a buscar apoio dos comandantes das Forças Armadas para assinar o documento e instalar uma ditadura, mas não obteve êxito.

Os ex-comandantes do Exército, general Freire Gomes, e da Aeronáutica, brigadeiro Baptista Junior, confirmaram que as reuniões convocadas por Jair Bolsonaro existiram e que ele buscava convencê-los a apoiar o golpe. Somente o então comandante da Marinha, almirante Almir Garnier, declarou apoio ao plano de Jair Bolsonaro.

“As testemunhas ouvidas em juízo, especialmente os ex-comandantes do Exército e da Aeronáutica, confirmaram que lhes foram apresentadas, em mais de uma ocasião, minutas que decretavam medidas de exceção”, ressalta a PGR. “As providências previam anulação das eleições, prisão de autoridades públicas e intervenção em Tribunais”.

“Os Comandantes foram claros ao confirmar terem sido instantaneamente pressionados, inclusive por meio de ataques virtuais, a aderir ao intento disruptivo”, completa.

O ano dos Bolsonaros alega que ambos estão prejudicando as empresas norte-americanas

Donald Trump parece não ter senso do ridículo. Depois de se intrometer nos assuntos da Justiça brasileira, exigindo impunidade para os golpistas que estão sendo julgados pelo Supremo Tribunal Federal (STF), ele agora resolveu atacar o PIX, meio de pagamento eletrônico criado pelo governo, dizendo que ele está prejudicando empresas americanas.

Se a família Bolsonaro já estava torrada por ter apoiado o tarifaço de Trump e ficado contra o Brasil, agora é que eles estão lascados com o ataque ao PIX, que já se tornou altamente popular no Brasil. O PIX bateu recorde de volume transferido em 2024 ao somar R\$ 26,46 trilhões.

“O Brasil também parece se envolver em uma série de práticas desleais com relação a serviços de pagamento eletrônico, incluindo, mas não se limitando a favorecer seus serviços de pagamento eletrônico desenvolvidos pelo governo”, diz o documento dos EUA, sobre o PIX, anunciando “investigações” contra o Brasil, pedidas por Trump.

Mas não ficou só no PIX a ridícula implicância de Trump com o Brasil. Ele resolveu reclamar também da movimentação comercial da Rua 25 de Março, no centro da capital de São Paulo, uma das ruas mais famosas e com o maior comércio popular do país.

Achando que pode aplicar leis americanas ao Brasil e obrigar o Planalto a respeitá-las, como se o país fosse uma colônia dos EUA, Donald Trump pediu ao departamento de comércio de seu país que fizesse uma investigação das atividades comerciais do Brasil. Esta “investigação” foi então aberta sob a chamada Seção 301 da Lei de Comércio dos EUA, um dispositivo utilizado em suas disputas comerciais, e ocorre poucos dias após o governo Trump anunciar unilateralmente um tarifaço ilegal de 50% sobre todos os produtos brasileiros exportados aos EUA.

“Por orientação do presidente Trump, estou iniciando uma investigação com base na Seção 301 sobre os ataques do Brasil contra empresas americanas de mídia social, bem como outras práticas comerciais desleais que prejudicam empresas, trabalhadores, agricultores e inovadores tecnológicos dos EUA”, afirmou o embaixador Jamieson Greer, representante comercial dos EUA. O governo brasileiro disse que não aceita chantagem e informou que pretende recorrer à Organização Mundial do Comércio (OMC), além de aplicar medidas com base na Lei da Reciprocidade.

O PIX brasileiro está sendo considerado por Trump uma “prática desleal” de serviço de pagamento eletrônico pelo fato de ser gratuito e, com isso, retirar receita de bancos americanos, como Visa e Mastercard.

Ou seja, Trump quer que os brasileiros paguem taxas de PIX para os bancos americanos. A medida deve ter deixado os bolsonaristas completamente desorientados, porque eles acusavam falsa e histericamente

o governo brasileiro e querer taxar o PIX e, agora, o guru deles, Donald Trump, é que está querendo implantar taxa sobre o PIX. Sem falar que o “amarrelão” da Casa Branca quer acabar também com a popular “Rua 25 de Março”.

O ataque de Trump ao PIX explodiu nas redes sociais e virou o assunto mais comentado desde ontem. Centenas de milhares de brasileiros, que já havia protestado contra o tarifaço, fizeram comentários contra a intenção de Donald Trump de defender os interesses dos grandes bancos americanos em detrimento do povo brasileiro.

O repúdio foi geral. “O PIX é um sucesso popular que incomoda corporações bilionárias”, escreveu um usuário no X. Outros ironizaram: “Agora o problema dos EUA é que o PIX é rápido demais?” A hashtag #DefendaOPix rapidamente subiu nos trending topics.

Donald Trump se dirigiu também ofensivamente ao comércio da 25 de Março, o maior comércio popular do Brasil. Disse que os EUA estão sendo prejudicados. O documento alega que há “distribuição, venda e uso generalizados de produtos falsificados, consoles de jogos modificados, dispositivos de streaming ilícito e outros dispositivos de burla”.

Disse também que a Rua 25 de Março seria um símbolo da ineficácia do combate à pirataria. “A região da Rua 25 de Março permanece há décadas como um dos maiores mercados para produtos falsificados, apesar das operações de fiscalização direcionadas a essa área”, diz o texto.

No Congresso Nacional, a repercussão dos ataques ao PIX foi imediata. A deputada federal Erika Hilton (PSOL-SP) classificou a medida como uma tentativa de retorno às taxas bancárias e acusou Trump de favorecer interesses comerciais de grandes empresas dos EUA. “Trump quer o fim do PIX e que voltemos a pagar taxas para bancos e operadoras como Visa e Mastercard”, escreveu.

O deputado federal Rogério Correia (PT-MG) ironizou a ofensiva norte-americana e lembrou o histórico eleitoral de Donald Trump. “Agora o Trump quer... acabar com o PIX no Brasil. Diz ele que é uma prática desleal com os EUA. Bom mesmo é votar em papelzinho pelo correio, né, Laranjão?”, escreveu, em publicação.

A medida é mais um dos ataques de Trump ao Brasil. A “investigação” visa defender interesses de grandes empresas americanas como a Visa e Mastercard. A Lei invocada atua como um instrumento de pressão internacional para proteger os interesses dos EUA.

O dispositivo estabelece um processo conduzido pelo Representante de Comércio para chantagem governos que se defendem e protegem sua economia. A lei também prevê que os EUA podem adotar medidas unilaterais de guerra comercial. No passado, os EUA utilizaram esse mesmo dispositivo para impor tarifas sobre produtos chineses.

Torres usou bilhete falso de viagem para camuflar sua atuação no 8/1

A Procuradoria-Geral da República (PGR) afirmou que Anderson Torres usou bilhete de passagem falso para justificar a ausência dele em Brasília, em 8 de janeiro de 2023, que aponta, então, segundo a Procuradoria, convivência com atos violentos na data fatídica.

Diante disso, pede a condenação do ex-ministro, com outros acusados de planejar golpe de Estado, cujo ápice se deu em 8 de janeiro de 2023, com a invasão das sedes dos chamados Três Poderes — Palácio do Planalto, sede do governo federal; Congresso Nacional, sede do Legislativo; e STF (Supremo Tribunal Federal), sede do Judiciário.

O ex-ministro da Justiça, Anderson Torres, apresentou bilhete de passagem falso para justificar a ausência dele, no dia 8 de janeiro de 2023, data da invasão dos Três Poderes, segundo a PGR.

Federal, não corresponde aos registros da companhia aérea GOL.

O dado confirma que o ex-secretário mentiu à PF (Polícia Federal), quando foi preso, em 14 de janeiro de 2023, ao voltar de Miami, onde estava, segundo ele, de férias com a família.

O localizador “MYIDST”, indicado pela defesa de Torres, não condiz com os dados dele, e ainda se constatou que não há voos registrados no trecho Brasília/Oriando, voo G3-9460, em nome do ex-ministro, de acordo com a PGR.

A defesa juntou aos autos apenas print da suposta passagem emitida por Torres, no mês de novembro de 2022, sem apresentar o comprovante da compra ou o bilhete aéreo. “A escandalosa constatação coloca em xeque a versão do réu de que sua viagem já se encontrava agendada desde muito antes e confirma a sua estratégia deliberada de afastamento e convivência com as ações violentas que se aproximavam”, escreveu a PGR.

Brasil se une à África do Sul contra o genocídio de Israel

O ministro das Relações Exteriores, Mauro Vieira, afirmou que o Brasil vai aderir “em breve” à ação movida pela África do Sul acusando Israel de cometer genocídio contra a população palestina na Faixa de Gaza.

Em entrevista ao jornal Al Jazeera, sediado no Catar, Mauro Vieira apontou que a tradição diplomática brasileira demonstra a importância do multilateralismo e das negociações.

Questionado sobre por que o Brasil não apoiou formalmente a ação contra Israel na Corte Internacional de Justiça (CIJ), Vieira respondeu: “nós iremos”.

“Nós estamos trabalhando nisso e você receberá boas notícias em breve”, continuou. Segundo ele, o Brasil fez “um grande esforço para tentar convocar negociações e os últimos desenvolvimentos dessa guerra nos fez tomar a decisão de aderir à ação da África do Sul no CIJ”.

Desde outubro de 2023, Israel já assassinou mais de 58 mil palestinos na Faixa de Gaza. O governo israelense tem falado publicamente que deseja expulsar os palestinos da região.

O conflito escalou quando Israel e os EUA decidiram bombardear instalações nucleares no Irã.

Ato na Paulista repudia ataques de Trump

Foto: Paulo Pinto/Agência Brasil

Além da capital paulista, também foram realizados protestos em outros locais como Brasília, Belo Horizonte, Salvador, Rio de Janeiro, Fortaleza, Curitiba, Maceió, Florianópolis, Vitória e Cuiabá

Milhares de pessoas participaram na noite de quinta-feira (10) de uma manifestação na Avenida Paulista, em São Paulo, pedindo pela taxa dos super-ricos, o fim da escala de seis dias de trabalho por um de descanso (6x1), além da isenção de imposto de renda para quem ganha até R\$ 5 mil.

O ato, convocado pelos movimentos sociais e partidos progressistas, também repudiou o ataque do presidente de Donald Trump contra o Brasil, ao ameaçar o Brasil com uma tarifa de 50% sobre todos os produtos brasileiros que são exportados para os Estados Unidos.

Os manifestantes se concentraram em frente ao Museu de Arte de São Paulo (Masp) e fecharam todas as pistas naquele quarteirão. Segundo o Monitor do Debate Político no Meio Digital da USP (Universidade de São Paulo), o ato da Avenida Paulista reuniu 15 mil pessoas.

“É uma alegria estar na Paulista hoje nessa grande mobilização popular por justiça tributária, taxa dos super ricos, fim da escala 6 X 1 e em defesa da soberania do Brasil. Vamos lutar por nosso país contra os ataques de Trump e Bolsonaro. Brasil soberano! Respeite o Brasil!”, afirmou o deputado federal Orlando Silva (PCdoB/SP).

Para a presidente da União Nacional dos Estudantes (UNE), Manuela Mirella, a ameaça de Trump demonstra como ele e Jair Bolsonaro atuam. “Ambos seguem o mesmo manual golpista: ameaçam as instituições quando o povo não vota como eles gostariam”, disse.

“Enquanto o povo luta pra viver com dignidade, Trump resolveu atacar o Brasil com uma proposta de tarifa de 50% sobre as exportações, uma retaliação que escancara o incômodo de ver nosso país de pé, com voz ativa no mundo e relações sólidas como os BRICS”, destacou.

“O que está em jogo é um projeto. Um projeto de país que não se ajoelha diante de interesses imperialistas. Trump, assim como Bolsonaro, representa um modelo antidemocrático, que desacredita processos eleitorais, promove desinformação e governa com base no medo. Ambos seguem o mesmo manual golpista: ameaçam as instituições quando o povo não vota como eles gostariam”, pontuou Manuela.

Cartazes e slogans contrários ao presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, marcaram a manifestação. Um boneco com a cara do presidente dos EUA foi incendiado durante o protesto.

Trump ameaçou taxar em 50% os produtos brasileiros exportados para os EUA a partir de 1º de agosto, justificando as taxas pelo julgamento de Jair Bolsonaro (PL) pelo Supremo Tribunal Federal por tentativa de golpe de Estado e por decisões da justiça para que as chamadas Big Techs cumpram a legislação brasileira.

“O ato já tinha sido convocado pela taxa dos super-ricos e agora o Trump adiciona mais esse elemento, que é essa taxa absurda provocada pelos bolsonaristas”, disse o deputado federal Rui Falcão (PT) durante a manifestação.

Em entrevista coletiva a jornalistas durante o ato, o deputado federal Guilherme Boulos (PSOL) disse que a manifestação tomou outra dimensão após a ameaça de Trump. “É um ato em defesa do Brasil contra as agressões do Donald Trump e um ato em defesa do povo brasileiro”, ressaltou o parlamentar.

“Se o Trump está imaginando que o Brasil é uma ‘república de bananas’, ele tire o cavalião da chuva. O Brasil é dos brasileiros. Já se foi o tempo em que o Brasil falava grosso com a Bolívia e fino com os Estados Unidos. Isso pode ser com Bolsonaro, que bate continência para a bandeira deles ou com o Eduardo Bolsonaro que vai se esconder debaixo da saia do Trump lá em Miami. Mas com o Lula não é assim”, disse a jornalista.

De acordo com Boulos, o ato também pede a taxa dos mais ricos. “Hoje aqui na Avenida

Paulista também é uma resposta àqueles que não querem deixar o presidente Lula governar. Aqueles que dão chlique quando se fala que o super-rico vai pagar a conta no Brasil e aqueles que não aceitam que o trabalhador brasileiro possa ter tempo de descanso com fim da escala 6 por 1”.

Em entrevista à Agência Brasil, a coordenadora da Frente Povo Sem Medo e coordenadora do plebiscito popular por um Brasil mais justo, Juliana Donato, disse que o ato foi convocado por conta da indignação com a maioria do Congresso Nacional que está querendo governar no lugar do governo.

“A pauta da taxa surgiu porque a gente sabe que existe uma resistência da maioria do Congresso em taxar os mais ricos para garantir a isenção do imposto de renda para quem ganha até R\$ 5 mil. Mas nós temos também a pauta pelo fim da escala 6 por 1, que é uma pauta muito importante para nós e que nós queremos que o Congresso pautar e vote. E agora nós temos mais um fato que foi essa carta do Trump dizendo que vai taxar os produtos brasileiros por conta da pressão da família Bolsonaro. Essa é uma família que lidera a extrema direita no país e que já prejudicou muitos brasileiros”, disse.

“Nós estamos dizendo que nós estamos querendo taxar os bilionários e eles estão querendo taxar o Brasil”, completou.

Para Raimundo Suzart, presidente estadual da Central Única dos Trabalhadores (CUT), o ato de hoje se tornou ainda mais importante após a taxa aplicada por Trump. “Queremos mandar um recado para esse Congresso, para uma parte desse Congresso que está se opondo aos trabalhadores”, destacou.

“Queremos que volte a cobrança do IOF, queremos discutir a redução da jornada sem redução de salário e com a garantia do fim da escala 6 por 1. Então esse é o momento da gente dizer que o povo está na rua e que o povo quer que seja cumprida a pauta desse governo que foi eleito para defender a classe trabalhadora e a democracia no nosso país”, acrescentou.

Além da capital paulista, também foram realizados protestos em outros locais como Brasília, Belo Horizonte, Salvador, Rio de Janeiro, Fortaleza, Curitiba, Maceió, Florianópolis, Vitória, Cuiabá e São Luís.

RIO DE JANEIRO

Centenas de pessoas se reuniram em frente à Bolsa Valores do Rio de Janeiro, na Praça XV.

O presidente da Central Única dos Trabalhadores do Estado do Rio de Janeiro (CUT-Rio), Sandro Cezar, avalia que a medida de Trump coloca o Brasil no centro da construção de uma nova ordem a partir do Sul Global.

“Sempre nos trataram mal, sempre nos exploraram, mas agora resolveram fazer publicamente. Isso nos coloca em outro patamar. O Brasil, junto com os Brics, tem um papel importante nesse outro mundo que vai ser construído. E não é um mundo visto pelas lentes dos Estados Unidos da América, nem pelo Trump. O povo brasileiro rejeita o Trump e vai rejeitar também seus filhotes aqui no Brasil”, afirmou.

O protesto na Praça XV também pautou a justiça tributária a partir da taxa dos super-ricos e políticas que reduzam as desigualdades, como o fim da escala 6x1.

Para Tezeu Bezerra, diretor da Federação Única dos Petroleiros (FUP) e do Sindicato dos Petroleiros do Norte Fluminense (Sindipetro-NF), as reivindicações da classe trabalhadora serão atendidas por meio da mobilização popular.

“O plebiscito é uma forma do trabalhador se manifestar para que a gente consiga, de fato, a justiça social no nosso país. Hoje, tem trabalhador paga muito mais imposto do que o rico. Isso está errado, é sim uma luta de nós contra eles. Não tem como a gente fugir desse debate”, afirmou.



Protesto reuniu mais de 15 mil pessoas, segundo a Monitor da USP



Manifestação no Rio de Janeiro – Foto: Fernando Veloso/Brasil de Fato

Após 20 anos, Brasil retoma fabricação nacional de insulina com investimento de R\$ 142 milhões

Foto: WALTERSON ROSA/MS

O primeiro lote de insulinas 100% produzidas no Brasil depois de 20 anos foi entregue ao ministro da Saúde, Alexandre Padilha, na sexta-feira (11).

A produção é fruto de investimento de R\$ 142 milhões na aquisição da tecnologia e resultado de um acordo entre a farmacêutica indiana Wockhardt e a empresa brasileira Biom e o laboratório público Fundação Ezequiel Dias (Funed). O lote com 207.385 mil unidades do medicamento continha 67.317 frascos de insulina regular e 140.068 de insulina NPH.

O ministro, que classificou o dia como “histórico”, comemorou: “Depois de mais de duas décadas sem produzir insulina humana, o Brasil retoma essa fabricação para ser entregue ao Sistema Único de Saúde (SUS) e contribuir com a saúde da população”.

Com o investimento e os contratos do Ministério da Saúde com a Biom, o plano é entregar para o SUS 8,01 milhões de unidades de insulina, entre frascos e canetas, em 2025 e 2026. A iniciativa faz parte da Estratégia Nacional para o Desenvolvimento do Complexo Econômico-Industrial da Saúde.

No evento, na fábrica da Biom, em Nova Lima (MG), Padilha afirmou, ainda, que a medida representa “segurança aos pacientes de que, independentemente de qualquer crise, como a que vivemos durante a pandemia, o país tem soberania na produção desse medica-



mento tão importante”.

“E o Brics acontecendo na realidade, mudando a vida da população brasileira e gerando emprego, renda e tecnologia aqui em Minas Gerais”, disse.

Nos últimos anos, o país, que tem cerca de 10% da população com diabetes, e muitos pacientes que precisam usar insulina diariamente, tem enfrentado escassez do medicamento. “Isso garante tranquilidade, segurança e estabilidade tanto para o SUS quanto para os cidadãos que dependem do medicamento”, reforçou Padilha.

Além das insulinas NPH e regular, no início deste ano o Ministério da Saúde aprovou uma Parceria para o Desenvolvimento Produtivo (PDP) para a produção nacional de insulina glargina (que tem efeito mais prolongado). O projeto reúne Bio-Manguinhos (Fiocruz), Biom e a farmacêutica chinesa Gan & Lee, com previsão inicial de produzir 20 milhões de frascos, para abastecimento do SUS.

Conforme esclarece o

ministério, a partir da aquisição inicial, terá início o processo de transferência de tecnologia, conforme previsto nas diretrizes da PDP. Ao final da transferência, a produção do medicamento será totalmente brasileira, com a Funed e a Biom capacitadas para fabricar o medicamento no país e abastecer o SUS de forma autônoma.

Nas PDPs, instituições públicas e empresas privadas compartilham responsabilidades para a produção nacional do insumo farmacêutico ativo (IFA) e do produto objeto de PDP, em um processo de transferência de tecnologia reversa. A transferência é efetivada por meio de etapas que incluem a realização de embalgens, controle de qualidade dos insumos, produção do produto acabado e do Insumo Farmacêutico Ativo no Brasil, possibilitando, assim, a produção local do medicamento que será fornecido ao SUS.

Parceria entre BNDES e ministérios garante R\$ 1 bilhão para projetos de inteligência artificial

O Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), em cooperação que envolve o Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (MDIC); o Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI); a Eletrobrás e a Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP), já aprovou, desde janeiro do ano passado, R\$ 1 bilhão em crédito para negócios de tecnologia para inteligência artificial (IA).

Um dos destaques dessa parceria aconteceu em paralelo à Cúpula do BRICS, no Rio de Janeiro, no início deste mês. O banco promoveu seminários sobre inteligência artificial e assinou um protocolo de intenções com a Prefeitura do Rio de Janeiro com o objetivo de desenvolver o projeto Rio AI City, que visa posicionar a cidade como um hub de data centers na América Latina.

O protocolo foi assinado na sede do Banco, durante o evento Governança e Estratégicas Públicas em Inteligência Artificial, que contou também com a participação do prefeito do Rio, Eduardo Paes.

Os eventos no Rio integram um conjunto mais amplo de ações do BNDES, que incluem apoio a empresas de tecnologia, por meio de financiamento e participação societária, além da formação de parcerias estratégicas.

“Precisamos fazer mais aportes em infraestrutura, ampliar a oferta de energia, melhorar a conectividade e investir em capital humano para desenvolver o setor”, defendeu o diretor de Planejamento e Relações Institucionais do BNDES, Nelson Barbosa, durante a assinatura do acordo. Segundo Barbosa, desde 2023, o BNDES já apoiou o setor com um total de R\$ 1,7 bilhão.

A ministra da Ciência, Tecnologia e Inovação, Luciana Santos, ressaltou a importância do Plano Brasileiro de Inteligência Artificial, que prevê investimentos de R\$ 23 bilhões até 2028 e já conta com 31% das ações propostas concluídas ou em andamento, e destacou o papel do BNDES como indutor do desenvolvimento no setor.

“Estamos comprometidos em colocar a inteligência artificial a serviço de um projeto de crescimento com justiça social e equidade. Dominar a IA é uma questão de soberania nacional crucial diante das mudanças na geopolítica do mundo. Estamos preparados para garantir as agendas de desenvolvimento ecológico, inclusão e fortalecimento do Sul Global”, disse Luciana Santos.

O prefeito do Rio, Eduardo Paes, destacou a importância da parceria. “Temos o apoio do BNDES, energia limpa, uma infraestrutura robusta de cabos subterâneos e fibras ópticas e o mais valioso: capital humano”, disse.

“Essa revolução tecnológica tem um potencial positivo muito grande, mas também pode acentuar as desigualdades já existentes hoje”, disse a ministra da Gestão e da Inovação em Serviços Públicos, Esther Dweck, falando da importância do avanço digital como ferramenta poderosa para reduzir desigualdades e alavancar o desenvolvimento econômico e social do Brasil.

Prefeitura de SP censura apoio à Palestina em show: “Inadmissível em uma democracia”, diz vocalista

A prefeitura de São Paulo censurou o show da Banda Sophia Chablau no fim da tarde de sexta-feira (12), no centro de São Paulo, após os músicos fazerem uma manifestação pró-Palestina.

A banda se apresentava na Semana do Rock, promovida pela Secretaria Municipal de Cultura da Prefeitura de São Paulo, quando, ao projetar no telão as bandeiras da Palestina e de outros países do Sul Global, teve a projeção cortada. Sophia, vocalista da banda, reclamou e pediu a retomada da projeção, mas, em seguida, teve o microfone desligado pelos organizadores.

“Depois de muita reclamação e de indignação por nossa parte e da plateia, ainda tivemos o som cortado pela prefeitura de São Paulo e ameaça de multa. No contrato não consta nada que possa nos prejudicar e se manifestar publicamente a favor da Palestina não é crime em nosso país”, destacou o grupo, afirmando que ainda teve duas canções cortadas de seu repertório durante a apresentação.

“Rock é insubmissão, transgressão. Ficamos tristes porque nosso show é político desde sempre e estávamos emocionados de poder tocar para vocês. Pedimos desculpas a todos que foram e não puderam ouvir todas as nossas canções. Mas o que aconteceu hoje é inadmissível para uma democracia”, afirmou a banda em comunicado nas redes sociais.

Em nota, a prefeitura admite que, “durante o show da artista Sophia Chablau, o painel de LED foi desligado e o som reduzido preventivamente, após falas e projeções que feriram cláusulas contratuais, com ofensas direcionadas a terceiros”.

A banda reitera que “o contrato, não há qualquer cláusula” que impeça manifestar-se publicamente a favor da Palestina.

Pátria amada, Brasil!

Agora é a hora de resgatar o verde/amarelo de nossa bandeira, sequestrado pelo traidor da Pátria Bolsonaro. Chegou a hora de voltarmos a unir a nação contra a dependência externa do imperialismo norte-americano, de construirmos uma amplíssima frente pela libertação do país, de nos livrarmos de vez da canga que nos aprisiona na escuridão do subdesenvolvimento.

A revolta está à flor da pele. Bastou um arroubo esquizofrênico do presidente maluco dos EUA, para o Brasil se unir em defesa da soberania nacional. Chantageou a Pátria, desrespeitou nossas instituições para livrar o canalha golpista Bolsonaro de pagar por seus crimes. O tiro saiu pela culatra. O que conseguiu foi levantar um tsunami de indignação.

Nosso povo está no limite da tolerância. Também pudera: há 30 anos tentando pagar as contas e cada vez devendo mais. No ano passado, o caixa do Tesouro Nacional se esvaziou de 970 bilhões de reais, só de juros da dívida pública, dinheiro que foi para os banqueiros, principalmente estrangeiros. Esse ano, os juros vão passar de um trilhão. Mais que o dobro dos orçamentos da Educação, da Saúde e do Bolsa Família somados. Restou a ilusão nas mentes colonizadas do investimento externo, e nada. Foram mais de 2 mil empresas entregues para o estrangeiro, a preço vil, entre elas a Vale do Rio Doce e a Eletrobras. Some-se um salário mínimo de fome, menor que o do Paraguai, reforma da Previdência, que obriga o trabalhador ficar mais 10 anos no batente para se aposentar; metade da força de trabalho na informalidade, sem direito algum e a carestia dos alimentos comendo solta. Como miséria pouca é bobagem, os bairros populares tomados pelo crime organizado ou pelas milícias, extorquindo a população. Todo esse sacrifício em vão. Uma dívida que há 30 anos era de 86 bilhões hoje é de 7,6 trilhões. E a política do barracão feudal, em que o camponês trabalha de sol a sol e fica devendo cada vez mais para seu senhor.

O povo não suporta mais tanto servilismo. Somos um país continental. Temos a maior bacia hidrográfica do mundo, a maior floresta, somos ricos em petróleo e em minério de ferro. Hoje, abastecemos o mundo com carne bovina, laranja, frango, soja e até aviões. Mandamos tudo lá para fora e o povo passa fome.

Estão roubando nosso dinheiro, levando nosso petróleo, devastando nossos recursos naturais. Que país vamos deixar para nossos filhos?

Sem recursos, não há investimento público. Sem apoio do Estado, a indústria definha. Sem indústria, não há emprego de qualidade. O país regride para uma economia agrário exportadora.

Se o Trump quiser fazer retaliação, será pior para ele. O Mundo não é mais escravo dos EUA. Rússia, China, Índia, Vietnã e Indonésia, mais da metade do planeta em população e em produção, não seguiram sua cartilha e cresceram a índices espetaculares.

Como diz o Hino Nacional: Verás que um filho teu não foge à luta!

CARLOS PEREIRA

Ministro repele desvinculação de aposentadorias do salário mínimo



Ministro da Casa Civil, Rui Costa, se manifestou contra desvinculação



Centrais repudiam ingerência de Trump e reforçam: "Brasil é dos brasileiros"

Em nota conjunta divulgada nesta quinta-feira (10), as Centrais Sindicais CUT, Força Sindical, CTB, UGT, CSB, NCST, Pública, Central do Servidor e Central da Classe Trabalhadora, repudiaram a ameaça do presidente dos Estados Unidos em taxar em 50% as tarifas de importação do Brasil e a clara ingerência na política interna do país.

As Centrais classificam a taxa de "intervencionista" e afirmam que a medida "remete à memória sombria da participação dos EUA no golpe 1964", além de "conluio com o bolsonarismo, que insiste em alimentar polarizações e estimular grupos de extrema-direita a traírem os interesses nacionais".

Na nota, as entidades também reafirmam o "compromisso inegociável com a soberania nacional, com a legitimidade das instituições democráticas e com os direitos da classe trabalhadora" e elogiam a resposta "firme e ativa" do governo federal diante da agressão.

As Centrais defendem

ainda a recente aprovação da Lei da Reciprocidade Econômica e destacam que "o governo deve utilizar todos os instrumentos legais para proteger nossa economia e o povo brasileiro".

De acordo com a nota, a medida "intempestiva" de Donald Trump, é também uma "reação hostil às decisões do Supremo Tribunal Federal envolvendo empresas estadunidenses que atuam no Brasil".

As entidades alertam para os impactos devastadores que a sobretaxa pode causar à economia e à classe trabalhadora, o risco de demissões em massa e o agravamento do desemprego.

"Um aumento abrupto de 50% nas tarifas sobre nossas exportações — vindas de um país com o qual mantemos mais de 200 anos de relações comerciais — ameaça diretamente a indústria, o agronegócio e diversos setores produtivos, com risco real de demissões em massa, fechamento de empresas e agravamento do desemprego", afirmam.

Segundo a nota, "a medida também tende a enca-

recer o custo da produção, pressionando a inflação e elevando o custo de vida", e cita ainda o risco de instabilidade cambial.

E, por fim, as Centrais Sindicais propõem a cassação do mandato do deputado federal Eduardo Bolsonaro que, "mesmo abrigado no exterior e recebendo salários pagos pela população brasileira, agiu como um verdadeiro agente estrangeiro ao fomentar sanções contra o próprio país. Isso configura crime de lesa-pátria", acusam.

O documento defende ainda "que o Brasil preserve e fortaleça suas relações internacionais, buscando uma solução pacífica, multilateral e justa".

"Confiemos que o governo saberá equilibrar firmeza e diplomacia para impedir a escalada de uma crise provocada pelo autoritarismo de Donald Trump. O Brasil é dos brasileiros — e somente ao povo, por meio de suas instituições, cabe decidir os rumos do país. Pela soberania nacional, pela democracia e pelo emprego!", finalizam.

"Rever isso seria botar milhares de idosos em condições desumanas", diz Rui Costa

O ministro da Casa Civil, Rui Costa, criticou nesta terça-feira (8) as propostas que frequentemente são feitas de desvinculação das aposentadorias do salário mínimo. "O desvincular significa que o aposentado não receberia mais o salário mínimo pago no mercado de trabalho. O salário mínimo no Brasil está no limite da mínima sobrevivência do ser humano", disse Rui Costa, em entrevista ao canal GloboNews.

"Não é razoável pensar que a pessoa que contribuiu não tem o mínimo para comprar seus alimentos, seus remédios, não tem o mínimo de dignidade. Rever isso seria botar milhares de idosos em condições desumanas", prosseguiu o ministro de Lula. A manifestação de Costa ocorre em meio a debates sobre ajustes fiscais no governo federal.

Para o chefe da Casa Civil do governo Lula, desvincular as aposentadorias do salário mínimo colocaria milhões de idosos em uma condição desumana, já que o salário mínimo serve para garantir o básico de sobrevivência. "Não é razoável imaginar que uma pessoa que trabalhou a vida inteira, que contribuiu, chegue numa fase de 60, 70, 80, 90 anos e não tenha o mínimo para comprar seus alimentos, seus remédios", destacou o ministro.

Na entrevista, Rui Costa também fez a avaliação de que as contas públicas têm apresentado uma "melhoria significativa" e disse esperar para breve

o início de uma trajetória de queda na taxa básica de juros definida pelo Banco Central para ajudar a aliviar as contas, particularmente o montante gasto com o serviço da dívida. A taxa básica da economia, a Selic, está em 15% em termos nominais, o que aponta para uma taxa real de cerca de 10%.

Apesar de criticar os que, dentro e fora do governo, defendem a desvinculação das aposentadorias do salário mínimo, o ministro insistiu em creditar aos idosos o aumento dos gastos com Benefício de Prestação Continuada (BPC). Estaria havendo "exageros" nos pedidos e em decisões judiciais. Ele culpa também o abandono das ferramentas de controle pelo governo de Jair Bolsonaro. No entanto, os ataques à Previdência e a precarização das relações de trabalho é que são as principais causas da maior miséria dos idosos brasileiros que são obrigados a recorrerem ao BPC.

"O Governo passado lavou as mãos e os programas foram desvirtuados", disse Rui Costa, falando também sobre o Bolsa Família, que no governo passado se chamava Auxílio Brasil. Segundo Costa, este programa também teria sido desvirtuado, já que, segundo ele, "se tirou o conceito de base familiar ao se cadastrar CPFs individuais, elevando consideravelmente os pagamentos". Sobre as metas fiscais do governo, o ministro foi direto: "A meta está garantida, tem compromisso fiscal do presidente da República", disse.



"Crise dos Correios é fruto de anos de sucateamento", afirma presidente do Sindicato de SP

Em entrevista à Hora do Povo, Elias Diviza, presidente do Sindicato dos Trabalhadores dos Correios de São Paulo, declarou que "a crise dos Correios, que estourou agora, vem germinando há alguns anos". Para o líder sindical, durante os governos Temer e Bolsonaro, os Correios foram sucateados, "não investiram em tecnologia, em e-commerce, nem na frota. Além de terem deixado um pesado passivo trabalhista", afirma.

De acordo com a Federação Nacional dos Trabalhadores de Empresas em Correios, Telégrafos e Similares (Fentect), no governo anterior, "o então presidente Floriano Peixoto, com o apoio de Ives Gandra, no TST, promoveu um dos ataques mais brutais aos trabalhadores da empresa, retirando, de uma só vez, 50 cláusulas do nosso Acordo Coletivo de Trabalho (ACT) e enfraquecendo nossos direitos sociais e benefícios".

Em 2024, sob a administração de Fabiano Silva dos Santos, que pediu demissão no início deste mês, a estatal registrou um prejuízo R\$ 3,2 bilhões, e, no início deste ano, a empresa chegou a atrasar o salário de parte dos funcionários.

Para Diviza, além do su-

cateamento, outros fatores também contribuíram com a crise. Ainda no governo Dilma, a empresa repassou R\$ 6 bilhões para o governo federal e, nos últimos anos, "Haddad cortou a chamada taxa das blusinhas, que dava um bom faturamento para empresa — imposto de 20% sobre mercadorias importadas até US\$ 50 — e o resultado foi um prejuízo bilionário", afirma.

Em maio, a Federação dos Trabalhadores enviou uma Carta ao governo cobrando aporte à estatal, com um plano urgente de investimentos visando manter os serviços prestados e capacidade de disputar com empresas privadas de entregas. "O que estamos fazendo é reivindicar do governo a devolução de R\$ 6 bilhões que foram retirados da empresa durante o governo Dilma. É um reinvestimento extremamente necessário", declarou Diviza na ocasião.

"Não aceitaremos retrocessos ou retirada de direitos. Elegemos este governo com a esperança de reconstruir tudo o que foi desmontado nos últimos anos e seguiremos firmes na luta para que isso se concretize", afirma a carta da entidade.

CARLOS PEREIRA



Primeira mulher negra na ABL, Ana Maria Gonçalves é eleita imortal

Na tarde de segunda-feira (30) em Charlotte nos Estados Unidos pela Copa do Mundo de Clubes, o Fluminense arrancou um resultado gigante contra a Inter de Milão, vencendo os italianos por 2 a 0 em duelo válido pelas oitavas de final da competição.

A vitória sobre o finalista da Champions League deste ano, credenciou o Tricolor Carioca para as quartas de final e enfrenta, na próxima sexta-feira (4), o vencedor de Manchester City x Al-Hilal, que se enfrentam ainda nesta segunda.

Além de abrir a vitória histórica com o gol logo no início da partida, Germán Cano também alcançou a marca de 200 jogos com a camisa do Tricolor. Hércules marcou o segundo gol do time carioca

já nos acréscimos da partida.

O Palmeiras também avançou às quartas ao vencer o Botafogo por 1x0 no sábado (28). O jogo foi equilibrado e só foi decidido na prorrogação, depois de terminar o tempo normal em 0x0.

Estrela do duelo, Paulinho marcou um golaço aos 9 minutos do primeiro tempo da prorrogação. O atacante deu um lindo drible em Marlon Freitas e finalizou com categoria no canto direito do goleiro para abrir o placar. O Verdão tomou conta da partida na primeira fase da disputa e manteve uma marcação forte, com chances mais claras de jogo. O goleiro John também foi um dos grandes destaques, ao parar finalizações de Mauricio, Estêvão e Richard Ríos.



Israel mata com míssil 6 crianças que coletavam água na Faixa de Gaza



N. Nandu/AFP

Multidões de trabalhadores nas ruas Greve geral mobiliza milhões de trabalhadores na Índia contra ataque à Previdência

Mais de 250 milhões de trabalhadores entraram em greve geral na Índia, nesta quarta-feira (09), contra o arrocho perpetrado pelo governo do Partido Bharatiya Janata (BJP), liderado pelo primeiro-ministro Narendra Modi.

O movimento denuncia as medidas anti-trabalhadores, anti-fazendeiros e pró-corporativas do governo, principalmente contra a privatização de empresas estatais (ferrovias, Air Índia e Bharat Petroleum) e reformas trabalhistas que tornam as demissões mais baratas e promovem empregos precários, além de exigir preços mínimos garantidos para culturas agrícolas, apoiado por organizações de agricultores.

Convocada por um fórum das maiores centrais sindicais do país, incluindo o Centro dos Sindicatos Indianos (CITU), o Congresso Nacional de Sindicatos da Índia (INTUC) e o Congresso de Sindicatos de Toda a Índia (AITUC), embora também tenham participado organizações de agricultores e estudantes, alargando o âmbito dos protestos, a greve mobilizou setores-chave: bancos, seguros, mineração de carvão, transporte, manufatura e refino de petróleo.

As centrais sindicais denunciaram a agenda neoliberal do governo do BJP ao serviço dos monopólios e das grandes corporações multinacionais, cujos lucros se alimentam da precarização e do empobrecimento da maioria da população trabalhadora.

A paralisação conhecida como Bharat Bandh ("Fechamento da Índia"), que afetou principalmente o sul e o leste do país, em estados como Kerala, Odisha, Bengala Ocidental e Tamil Nadu, levantou 17 reivindicações, incluindo uma semana de trabalho de oito horas, a abolição de contratos temporários e 'reformas' que atacam benefícios no sistema previdenciário.

MANIFESTAÇÕES EM CALCUTÁ E NOVA DELHI

O dia da greve ocorreu com grandes manifestações em diversas cidades e uma ampla mobilização de trabalhadores rurais e urbanos.

Desde o início da manhã, bloqueios de estradas e ferrovias, além de fechamentos de lojas, escritórios e escolas foram relatados, especialmente nos Estados de Kerala e Odisha. Em Calcutá, manifestações aconteceram até mesmo em estações de trem, e em Mumbai, trabalhadores bancários protestaram contra a privatização de bancos estatais.

Em Nova Delhi, os manifestantes carregavam cartazes exigindo a revogação das leis trabalhistas e bradaram slogans como "Parem de vender nossas ferrovias" e "Não desrespeitem os direitos sindicais".

Rajendra Pratholi, um ativista do Partido Comunista da Índia (Marxista-Leninista) associado a importantes sindicatos, acusou o governo de cortar benefícios dos trabalhadores sob o pretexto de reformas.

"As horas de trabalho dos trabalhadores e os benefícios que eles costumavam receber em seus empregos depois de anos de luta — todos esses benefícios foram entregues aos capitalistas e industriais ligados a capitais estrangeiros pelo governo", denunciou Pratholi.

Tapan Sen, secretário-geral do Centro de Sindicatos Indianos, ou CITU, também alinhado aos comunistas, divulgou relatos de trabalhadores bloqueando diversas rodovias nacionais e rotas ferroviárias.

"As operações de mineração de carvão na maioria dos estados foram paralisadas. Serviços bancários, de seguros, de manufatura e de refino de petróleo também foram afetados", confirmou Sen.

Quanto à participação dos mencionados 250 milhões de trabalhadores, estimativas preliminares consideram que foi uma das maiores mobilizações trabalhistas da história da Índia.



Bombardeios constantes de Netanyahu contra alvos civis em Gaza

Maior sindicato do Reino Unido aprova boicote de armas a Israel

A assembleia anual do Unite the Union decidiu que os trabalhadores devem a se abster de fabricar, transportar ou manusear quaisquer armas ou equipamentos militares destinados ao regime genocida de Benjamin Netanyahu.

O maior sindicato do Reino Unido e da Irlanda, o Unite the Union, votou por esmagadora maioria a favor da imposição de sanções ao regime sionista de Israel, condenou a violência provocada pelo governo de Netanyahu, expressando solidariedade com trabalhadores humanitários e condenando o ataque a civis e o sequestro de reféns como crimes de guerra.

ENGAJAMENTO

A decisão foi tomada na sexta-feira (11), durante a conferência anual do sindicato. De acordo com a resolução, ficou aprovado o apoio a um embargo militar contra Israel e ajudar os seus membros e trabalhadores a se abster de fabricar, transportar ou manusear quaisquer armas ou equipamento militar destinados ao regime genocida de Benjamin Netanyahu.

O comunicado divulgado sobre o assunto em Londres destaca o apoio solidário aos sindicatos palestinos. "A nossa agremiação acolhe com satisfação o chamado dos sindicatos palestinos e se compromete a apoiar as campanhas trabalhistas para boicotar produtos e serviços israelenses, bem como a promover o desinvestimento das empresas implicadas nos crimes de Israel", acrescentou.

Manifestantes argentinos repudiam o genocídio de Netanyahu em Gaza

Do conhecido cruzamento das avenidas Callao e Corrientes, os manifestantes convocados por um conjunto de organizações sociais, políticas, sindicais, culturais, acadêmicas, religiosas e de direitos humanos, partiram com destino final à Praça de Maio, agitando bandeiras argentinas e segurando cartazes denunciando a contínua agressão israelense, expressando sua solidariedade ao povo palestino e sua rejeição aos crimes genocidas cometidos na Faixa de Gaza e no restante dos territórios palestinos ocupados, incluindo Jerusalém.

Eram milhares de pessoas, muitas vestidas de vermelho como símbolo do derramamento de sangue palestino e da condenação do genocídio cometido contra civis, condenando os crimes de Israel que, com a cumplicidade dos Estados Unidos e de países da União Europeia, já assassinou perto de 60 mil civis, principalmente mulheres e crianças e devastou a Faixa de Gaza.



Unite the Union representa 1,2 milhão de trabalhadores

resultado do genocídio israelense em andamento na região, de acordo com fontes médicas.

Autoridades de saúde locais confirmaram que o número de mortos palestinos no ataque israelense desde outubro de 2023 subiu para 57.882, com mais 138.095 feridos. A maioria das vítimas são mulheres e crianças.

DESLOCAMENTO

O regime de Netanyahu estima, inicialmente, que 600 mil palestinos que estão lutando para sobreviver na área costeira de Mawasi, perto de Rafah, onde têm chegado nos últimos meses após serem transferidos à força de outras partes da região, serão deslocados para o que Katz chamou de "cidade humanitária".

As informações da imprensa de Israel indicam que a construção da "cidade" começaria durante os 60 dias do cessar-fogo atualmente em negociação, mas sempre sabotado pela gangue no poder de Israel.



Em Buenos Aires faixa condena o massacre de palestinos

ISRAEL E CÚMPLICES

Além da capital argentina, em todas as cidades e províncias que participaram desta campanha nacional, como Bariloche (Rio Negro), Bahía Blanca e Necochea (Província de Buenos Aires), Córdoba, Villa Carlos Paz, e Posadas (Misiones), entre outras, o Comitê distribuiu um Manifesto denunciando o contínuo e sistemático bombardeio israelense que atingiu campos, tendas de refugiados

e deslocados, escolas, hospitais e até centros de distribuição de ajuda humanitária, destacando que mais de 700 palestinos foram mortos tentando obter alimentos.

O manifesto denuncia "as detenções forçadas, as torturas em prisões desumanas, a fome extrema e a falta de acesso a bens básicos devido à quase inexistência de ajuda humanitária por organizações internacionais".

Míssil israelense atingiu um ponto de distribuição de água no campo de refugiados de Nuseirat, na Faixa de Gaza, matando oito palestinos — a maioria crianças — e ferindo 17 pessoas

O médico Ahmed Abu Saifan, do Hospital Al-Awda, relatou que seis das vítimas fatais eram crianças que estavam coletando água no local.

A escassez de água em Gaza atinge níveis críticos, com a falta de combustível paralisando usinas de dessalinização e sistemas de saneamento. A população depende cada vez mais de pontos de distribuição improvisados para obter água potável, aumentando a exposição a riscos.

ATAQUE A MERCADO

Em outro episódio, a mídia palestina noticiou a morte de 12 pessoas, incluindo um alto funcionário de um hospital, em um bombardeio israelense em um mercado movimentado da Cidade de Gaza no início da manhã.

O Ministério da Saúde de Gaza informou que o conflito já causou mais de 58 mil mortes desde outubro de 2023, com 139 novas vítimas registradas nas últimas 24 horas. As autoridades da Saúde ressaltam que mulheres e crianças representam mais da metade dos óbitos.

ESCOLA BOMBARDEADA

"O pânico, o medo e o terror que tomaram a escola foi avassalador. Havia umas mil pessoas deslocadas ali, tendas e salas de aula usadas como refúgio", testemunhou um sobrevivente. Até o momento, em meio aos escombros, foi confirmada a morte de dez pessoas, além de inúmeros feridos, "todas, mulheres e crianças".

Após abrir fogo contra os postos de distribuição de alimentos e medicamentos na Faixa de Gaza, o exército israelense decidiu agora atacar no meio da madrugada as escolas que servem de abrigo aos refugiados, as mesmas pessoas que tiveram suas residências destruídas pelos invasores.

Desta vez, entre a meia-noite de quinta (10) e sexta-feira (11), o alvo foi a escola Halima al-Sadia, em Jabalia, no norte de Gaza, com os sobreviventes relatando a dimensão da catástrofe. "A poeira cobriu toda a área. Foi então que percebi que um ataque havia atingido este lugar", declarou Abu Haitham Khalla, de pé sobre os destroços.

"O pânico, o medo e o terror que varreram a escola foi atarrador. Havia umas mil pessoas deslocadas ali, tendas e salas de aula que eram usadas como refúgio", assinalou Abu, frisando que, em meio aos destroços, até agora, "conseguimos confirmar que dez pessoas morreram, além de muitos feridos, todos, mulheres e crianças".

Ahmed Khalla testemunhou ter encontrado corpos no chão de uma sala de aula, em imagens que jamais poderá esquecer. "Crianças feitas em pedaços, carbonizadas. Mulheres que não fizeram nada. As cenas eram mais do que horripáveis. Vi uma menina sem cabeça. Literalmente, sem cabeça", frisou.

Correspondente in loco da Al Jazeera, Ibrahim al-Khalili descreveu a cena posterior ao ataque como "sem precedentes". "Diante da escalada israelense em curso, em diversas áreas de toda Faixa de Gaza, a situação vai de mal a pior", assinalou.

"Essa escola abrigava milhares de palestinos forçados a deixar suas casas na zona leste de Gaza, após ordens de evacuação israelenses. Mas em vez de refúgio, o que encontraram foi morte e destruição",

protestou o jornalista. Conforme Ibrahim, a imagem é bastante sinistra: "Cheiro de sangue por toda parte. Um ataque à meia-noite, quando todos dormiam, mortos onde pensamos estar seguros. A situação é catastrófica, muitos palestinos não têm para onde ir".

De acordo com a Agência da ONU para Refugiados na Palestina (UNRWA), a maioria das escolas que ainda se encontra de pé no enclave se tornou abrigo para a população deslocada.

Imagens de vídeo da escola Halima al-Sadia após o ataque mostram equipes de emergência recolhendo feridos e corpos no meio da noite, cercadas por centenas de pessoas ajudando a carregar macas em ambulâncias ou prestando solidariedade.

"Entre 1 e 8 de julho, foram relatados ataques contra pelo menos sete escolas que abrigavam pessoas deslocadas internamente, incluindo algumas que já haviam sido atacadas na semana anterior", apontou o Escritório das Nações Unidas para a Coordenação de Assuntos Humanitários (OCHA), em relatório divulgado na quinta-feira.

Conforme o OCHA, muitos moradores estão sendo obrigados a retornar a escolas com suas estruturas danificadas ou seriamente comprometidas devido à falta de abrigos no enclave. Atualmente, 85% da Faixa de Gaza está sob ordens de evacuação ou foi convertida diretamente em zona militarizada para o exército sionista, denuncia as Nações Unidas.

APARTHEID

Devido à política de apartheid israelense, quase toda a população palestina permanece amontoadas nas praias de Mawasi, no sul (aproximadamente 425.000 moradores de Gaza), ou na Cidade de Gaza (norte). Na província de Gaza do Norte (que inclui as cidades de Jabalia, Beit Lahia e Beit Hanoun), a maioria dos moradores foi deslocada para a capital, onde a projeção é que um milhão de pessoas esteja aglomerada.

Após uma visita de Estado a Washington, onde defendeu a indicação de Donald Trump ao prêmio Nobel da Paz, o primeiro-ministro israelense Benjamin Netanyahu, sua esposa Sara e sua comitiva chegaram a Israel na quinta-feira. Como gesto de cortesia, o presidente dos EUA enviou duas aeronaves V-22 Osprey do esquadrão presidencial para transportar o genocida israelense durante a visita.

Enquanto isso, na Cisjordânia, incentivados e armados pelo exército de Netanyahu, colonos israelenses colocaram fogo, nesta segunda-feira (7), próximo à Igreja de Al-Khader (São Jorge) — datada do século V e um dos locais de culto mais antigos e venerados pelos cristãos — e do cemitério cristão bizantino na cidade palestina de Taybeh, na Cisjordânia.

Os ataques começaram com uma série de incêndios próximos à Igreja, mas os moradores da localidade e a equipe de combate ao incêndio conseguiram impedir que o fogo se alastrasse pelo sítio arqueológico da única vila remanescente no território palestino com população exclusivamente cristã.

Condenando a ação criminosa, os líderes das igrejas locais lançaram um comunicado alertando que a cidade "se tornou um alvo aberto para postos avançados de assentamentos de colonos ilegais que estão se expandindo silenciosamente sob a proteção do exército israelense".

60 deputados ingleses exigem imediato reconhecimento do Estado da Palestina

59 deputados trabalhistas do Parlamento Britânico instaram o governo a reconhecer imediatamente o Estado da Palestina e a tomar medidas pargentinosorcer o deslocamento dos palestinos da Faixa de Gaza.

Em carta ao Secretário de Relações Exteriores David Lammy, cujo conteúdo foi publicado pelo jornal The Guardian, os parlamentares pedem que o governo de Keir Starmer tome medidas imediatas contra o plano anunciado na semana passada pelo ministro de 'Defesa' israelense, Israel Katz, instruindo o exército a preparar um o estabelecimento de um campo de concentração nas ruínas de Rafah, cidade localizada no extremo sul da Faixa de Gaza, onde pretende confinar toda a população palestina.

"E com grande urgên-

cia e preocupação que nos dirigimos a você sobre o anúncio do ministro da Defesa israelense na segunda-feira passada sobre os planos de transferir à força todos os civis palestinos em Gaza para um campo na cidade em ruínas de Gaza", sem permitir que eles saiam", diz a carta.

"Os planos foram descritos por um renomado advogado israelense de direitos humanos, Michael Sfar, como 'um plano operacional para crimes contra a humanidade. Trata-se de transferir a população para o extremo sul de Gaza em preparação para a deportação para fora da Faixa de Gaza'. Embora seja uma descrição precisa, acreditamos que haja uma mais clara. A limpeza étnica de Gaza", acrescentaram.

Leia matéria na íntegra em: www.horadopo.com.br

Juiza federal suspende prisões ilegais de imigrantes sob ordens da Casa Branca

Ações cada vez mais violentas e abusivas da Guarda Nacional e dos agentes do Serviço de Imigração e Alfândega (ICE) de Trump – que provocaram centenas de prisões e até uma morte nas últimas horas – forçaram o Judiciário dos Estados Unidos a ordenar o fim das abordagens e detenções ilegais de imigrantes e a restrição de cidadania por nascimento.

A juíza Maame Frimpong emitiu uma ordem que proíbe a administração Trump de continuar as perseguições indiscriminadas no sul da Califórnia, especificamente aquelas em que as pessoas são detidas com base na cor da pele, no idioma que falam, no sotaque ou onde moram.

Maame Frimpong também determinou que o governo federal não poderá mais restringir o acesso de advogados a um centro de detenção de imigrantes em Los Angeles.

A questão é que a Califórnia – o estado mais rico e populoso, com 40 milhões de habitantes – voltou a ser palco nesta sexta-feira (11) de um embate entre os métodos sanguinários e ultrajantes do governo Trump contra os migrantes e os limites que pretende impor ao Judiciário. Tudo o que faltou de diálogo, sobrou em bombas de gás lacrimogêneo, cacetetes ou balas de borracha, denunciaram entidades de defesa dos direitos humanos.

“A justiça prevaleceu hoje”, comemorou o governador Gavin Newsom em um comunicado, frisando que “a decisão do tribunal põe fim temporário às violações dos direitos das pessoas e à discriminação racial por parte de agentes de imigração”. “A Califórnia está do lado da lei e da fundação sobre a qual nossos Pais Fundadores construíram este país. Peço ao governo Trump que faça o mesmo”, enfatizou.

O pronunciamento da Justiça se deu em resposta a uma audiência em que grupos de defesa dos imigrantes argumentaram que o governo federal estava violando direitos fundamentais protegidos na Constituição. Os autores da ação citaram o caso de três imigrantes presos e dois cidadãos norte-americanos, um dos quais foi detido apesar de ter mostrado a identidade aos agentes.

CIDADANIA

O juiz federal Joseph N. Laplante já havia suspenso na quinta-feira (11) a aplicação da ordem executiva de Trump que pretendia restringir o direito à cidadania para filhos de imigrantes em situação irregular e estudantes estrangeiros.

A medida visa impedir que seja consumada a postura xenófoba e racista do governo dos EUA de flexibilizar direitos. A “controvérsia” gira em torno de um princípio constitucional estabelecido pela 14ª Emenda, que garante cidadania a qualquer pessoa nascida em território americano, independentemente da origem dos pais. A ordem executiva do governo, ainda não declarada inconstitucional, busca reinterpretar esse direito.

Após a decisão da Suprema Corte no mês passado, que restringiu o uso de liminares nacionais por juizes federais, ações coletivas passaram a ser vistas como alternativa para contestar políticas amplas do Executivo.

Trump ameaça impor tarifas de 100% contra a Rússia

O presidente dos EUA, Donald Trump, ameaçou na segunda-feira (14) impor tarifa de 100% sobre a Rússia, que se estenderá aos países que comerciarem com Moscou (tarifas secundárias), sob a alegação de que a Rússia tem 50 dias para se submeter às exigências da Otan de um cessar-fogo.

Tal cessar-fogo por imposição traz, da forma mais explícita, um socorro para que se mantenha de pé o regime neonazista instaurado pela CIA em Kiev em 2014, e que se recusa a restaurar o status de país neutro bem como a respeitar os direitos da população de fala russa, sem falar na desnazificação do país.

O anúncio, precedido de alvoroço sobre “uma grande declaração”, foi feita por Trump com o secretário-geral da ONU, o ex-premiê holandês, Mark Rutte, ao seu lado, e incluiu o adendo de que os países europeus vão pagar por 17 sistemas Patriot para o regime ucraniano.

No novo arranjo, “A Europa pagará à América pela guerra na Ucrânia”, registrou o jornal russo Vzygliad.

O tarifaço secundário de 100% anunciado pretende ainda dialogar com manifestos de guerra em Washington, como o republicano Lindsey Graham, que anda, junto com o democrata Richard Blu-

mental, cevando no Senado uma lei com sobretaxa “opcional” de 500%! Uma “marreta”, segundo Graham.

Na verdade, trata-se de uma provocação com o intuito de forçar a China e a Índia, que são os dois maiores compradores do petróleo e gás russo, ao bloqueio contra a Rússia, e uma tentativa de minar os BRICS. Ambas acusadas de “financiarem” a guerra de Putin (em dezembro de 2022, a China comprava 47% e a Índia, 38%).

No momento em que Trump faz essa declaração, o chanceler russo Sergey Lavrov está em Pequim para negociações. Putin está com visita oficial marcada à Índia.

Como Lavrov alertou repetidamente, qualquer arma fornecida a Kiev será um alvo militar legítimo e apenas dá fôlego ao regime neonazi para se recusar à paz. Muitos bilhões de dólares em equipamento bélico já foram torrados pelas forças russas que combatem os neonazis.

Trump – ainda sem ter desistido de evitar que a “guerra de Biden na Ucrânia” se torne a sua própria guerra à beira das eleições intermediárias do próximo ano – aproveitou para reclamar que o Kremlin está envolvido em “conversas doces, mas vazias”, enquanto bombardeia Kiev.

Leia mais no site

PIB da China cresce 5,2% no segundo trimestre, apesar do tarifaço de Trump



A produção industrial chinesa subiu 6,4% em relação ao mesmo período do ano passado

Polícia dos EUA mata um imigrante e prende 200 em fazendas na Califórnia

Fronteira com o México, o sul da Califórnia voltou a ser palco nesta quinta-feira (10) de graves confrontos entre manifestantes solidários aos trabalhadores imigrantes e a Guarda Nacional dos Estados Unidos.

Foram duas “operações” dos policiais do Serviço de Imigração e Alfândega (ICE) de Trump: uma na fazenda Santa Bárbara e outra na comunidade de Camarillo, próximo a Los Angeles. Nesta última, ao serem recebidos com um protesto de solidariedade aos trabalhadores rurais, os guardas agrediram com cacetetes, dispararam balas de borracha e lançaram bombas de produtos químicos, como gás lacrimogêneo.

Além de matar o mexicano Jaime Alanis, que trabalhou colhendo tomates por dez anos, a guarda enviada por Trump abusou da truculência contra os manifestantes, prendeu 200 imigrantes e feriu dezenas. Quatro cidadãos estadunidenses também foram presos, acusados de “agredir ou resistir aos agentes”.

Veículos da Patrulha da Fronteira e da Alfândega e Proteção de Fronteiras dos EUA bloquearam a estrada nesta área predominantemente agrícola de Camarillo, ladeada por campos e estufas, com carros militares e um helicóptero acionados para executar as ordens do presidente Donald Trump.

A Glass House Farms – a fazenda de tomate, pepino e canabis invadida – doou milhares de dólares ao Partido Democrata, oponente dos Republicanos, e encontra-se atualmente à frente da Casa Branca. É legal cultivar e vender cannabis na Califórnia com a devida licença. Registros demonstraram que a empresa estava com seus documentos regularizados e em dia.

Imagens de televisão mostraram manifestantes reunidos numa estrada onde policiais uniformizados formavam uma fila. Logo depois, imagens comprovaram a crueldade da perseguição, com agentes fed-



Agentes encapuçados do Serviço de Imigração e Alfândega (ICE) abusaram da violência (montagem)

rais camuflados, usando capacetes e máscaras de gás.

As cenas divulgadas mostram a violência do acossamento e muitas pessoas sentadas contra uma parede com as mãos amarradas.

Condenando a barbárie, o governador da Califórnia, Gavin Newsom, partilhou na quinta-feira um vídeo da estação de televisão KTLA mostrando meninos e meninas tentando escapar das bombas disparadas pelos agentes federais. “Crianças fugindo de gás lacrimogêneo, chorando no telefone porque a mãe acabou de ser levada dos campos. Trump chama-me ‘Newscum’ – mas ele é que é a verdadeira escória”, disse Newsom.

O membro da Câmara dos Representantes, Salud Carbajal, também prestou solidariedade aos manifestantes e denunciou que como Democrata lhe foi negado o acesso ao local do confronto. Carbajal acusou os agentes federais de “visarem trabalhadores agrícolas”. “Os agentes estavam gerando medo, ansiedade e intimidação. Eles estavam vestidos com uniformes e roupas militares e portavam armas de nível militar. Estavam simplesmente criando uma situação insustentável e incendiária”, acrescentou.

A direção da Glass Gouse

Farms, que recebeu a visita de agentes do Serviço de Imigração e Alfândega na quinta-feira, disse ter cumprido “integralmente os mandados de busca dos agentes”.

Na sexta-feira (11), dezenas de pessoas esperavam do lado de fora da fazenda Camarillo para recolher os automóveis de seus parentes e conversar com os administradores sobre o ocorrido.

Familiares de Jaime Alanis informaram que ele ligou para a esposa no México durante a operação para avisá-la que os agentes de imigração haviam chegado e que ele estava escondido com outras pessoas dentro da fazenda.

“Quando soubemos, ele estava no hospital”, disse Juan Durán, cunhado de Alanis, com a voz embargada. De acordo com o divulgado pela repressão, “o imigrante caiu do telhado”. Alanis teve o pescoço quebrado, o crânio fraturado e uma artéria que bombeia o sangue para o cérebro rompida, disse sua sobrinha Yesenia, que não quis revelar seu sobrenome por medo de retaliação. “Nos disseram que ele não sobreviveria e que deveríamos dizer adeus”, lamentou Yesenia, chorando. A direção do hospital não quis se manifestar.

Leia mais em www.horadopovo.com.br

‘Tarifaço de Trump contra o Brasil é abuso’, diz Pequim

“A posição da China é muito clara. A China sempre se opôs a iniciativas que sobre-carregassem o conceito de segurança nacional e sempre defendeu que guerras comerciais e tarifárias não têm vencedores, e que o abuso de tarifas não interessa a ninguém”, disse a porta-voz do Ministério das Relações Exteriores da China, Mao Ning.

Na quarta-feira, o anúncio foi feito por Trump, sob a alegação mentirosa de déficit no comércio com o Brasil, e declarando abertamente se tratar de pressão contra o julgamento do ex-presidente Bolsonaro por tentativa de golpe – o que ele chama de “caça às bruxas” – e contra a ação da Justiça brasileira para impedir a impunidade das Big Techs ao disseminarem fake news e propaganda fascista. Na realidade, nos últimos 15 anos os EUA tiveram superávit de US\$ 410 bilhões no comércio com o Brasil.



Porta-voz do Ministério do Exterior da China, Mao Ning

Durante a Cúpula dos BRICS no Rio de Janeiro, no fim de semana passado, Trump já ameaçara os países do bloco com uma tarifa adicional de 10%, acusando-os de terem “políticas anti-americanas”, ao mesmo tempo que interferiria grosseiramente nas decisões da justiça brasileira, que investiga Bolsonaro por tentativa de golpe.

O que foi respondido

com o presidente Lula dizendo que o Brasil não aceitava tutela, é um país soberano, o BRICS “não aceita imperadores” e se ele [Trump] pode fixar tarifas, “nós também podemos”. Na carta enviada ao presidente Lula, o chefe da Casa Branca voltou à chantagem em prol de Bolsonaro, e destampou que o julgamento do golpista seria uma das motivações para a descabida taxa de 50%.

A produção e a demanda cresceram de forma constante na China; o emprego ficou estável e a renda familiar continuou aumentando, de acordo com o Departamento Nacional de Estatísticas (DNE)

A economia da China registrou um sólido crescimento de 5,3% no primeiro semestre de 2025, de acordo com dados divulgados pelo Departamento Nacional de Estatísticas (DNE) nesta terça-feira (15), demonstrando a forte resiliência da segunda maior economia do mundo, apesar de um ambiente global complexo – este, um comentário muito chinês do Global Times sobre o tarifaço e unilateralismo do governo Trump.

Somente no segundo trimestre, a economia expandiu 5,2% em comparação com o mesmo período do ano passado, diminuindo ligeiramente em relação ao crescimento de 5,4% registrado no primeiro trimestre. Esse resultado no 2º semestre mantém a China no rumo para atingir sua meta anual de crescimento de cerca de 5 por cento.

“Com as políticas macroeconômicas mais proativas e eficazes entrando em vigor no primeiro semestre do ano, a economia nacional manteve um crescimento estável com bom impulso, mostrando forte resiliência e vitalidade”, disse Sheng Laiyun, vice-chefe do DNE, em entrevista coletiva. Ele observou ainda que os indicadores econômicos apresentaram um desempenho melhor do que o esperado.

“O desempenho econômico da China este ano marca uma recuperação notável e um impulso ascendente”, disse Xi Junyang, professor da Universidade de Finanças e Economia de Xangai, ao Global Times. Ele atribuiu a melhora em grande parte a políticas macroeconômicas mais robustas, apontando para uma série de medidas de flexibilização monetária, incluindo várias reduções nas taxas de juros e taxas de compulsório. O especialista também observou um aumento acentuado nos gastos fiscais como um fator contribuinte.

O crescimento do PIB no primeiro semestre reflete a forte resiliência da economia da China, sustentada por seu sistema industrial abrangente e vasta capacidade de mercado – ambos fornecem uma base sólida para resistir a choques externos, disse Hu Qimu, vice-secretário-geral do Fórum 50 para a Integração das Economias Digitais-Reais.

De acordo com o DNE, apesar dos desafios a economia da China resistiu à pressão e melhorou constantemente. A produção e a demanda cresceram de forma constante, o emprego foi geralmente estável, a renda familiar continuou aumentando, novos impulsores de crescimento testemunharam um desenvolvimento robusto e o desenvolvimento de alta qualidade deu novos passos, ajudando a garantir a estabilidade social geral, de acordo com o DNE.

Assim, nos primeiros seis meses deste ano, a produção industrial da China subiu 6,4% em comparação ao mesmo período do ano passado, com os setores de fabricação de equipamentos e de manufatura de alta tecnologia registrando crescimento rápido. Em junho, a indústria do país avançou 6,8%, quando comparado com junho do ano anterior, bem acima dos 5,5% previstos.

O mercado consumidor manteve uma tendência ascendente durante o período, com as vendas no varejo de bens de consumo expandindo 5% anualmente no primeiro semestre. O ritmo é 0,4 ponto percentual mais rápido que o

crescimento registrado no primeiro trimestre.

O investimento em ativos fixos continuou a crescer nos primeiros seis meses, marcando uma alta anual de 2,8%. Em particular, o investimento no setor manufatureiro relatou um crescimento notável.

O mercado de trabalho permaneceu geralmente estável, com a média da taxa de desemprego urbano pesquisada ficando em 5,2% no primeiro semestre, uma redução de 0,1 ponto percentual ante o primeiro trimestre.

Apoiadas pelo programa de troca de bens de consumo do governo, as vendas no varejo de eletrodomésticos e equipamentos audiovisuais aumentaram 30,7% em relação ao ano anterior no período de janeiro a junho, e as vendas de bens culturais e de escritório aumentaram 25,4%.

A renda disponível per capita do país atingiu 21.840 yuans durante o período de janeiro a junho, resultando em um aumento anual de 5,3% em termos nominais, ou 5,4% após a dedução dos fatores de preço, observou o DNE.

Outro dado econômico relevante é que o Banco do Povo da China (PBoC, na sigla em inglês) reduziu as principais taxas de juros de referência em 0,1 ponto porcentual, em maio, com a taxa de empréstimo primário (LPR) de 1 ano ficando em 3%, enquanto a taxa de 5 anos caiu para 3,5% (para uma inflação em torno de 0,1%).

CRESCIMENTO GLOBAL

Para o Global Times, com o crescimento do PIB projetado para superar a maioria das principais economias em 2025, a China deve reforçar sua posição como impulsionadora do crescimento global e fonte de estabilidade em meio às incertezas internacionais.

Comentando sobre o desempenho econômico no primeiro semestre, Sheng o descreveu como “uma árdua conquista, especialmente considerando as mudanças bruscas no ambiente internacional e o aumento das pressões externas desde o segundo trimestre”, acrescentou.

Esse desempenho também serve como uma refutação direta às narrativas pessimistas de alguns meios de comunicação estrangeiros, reafirmando a força e a resiliência da economia chinesa.

FORÇAS PRODUTIVAS

A publicação registrou que a manufatura continuou um dos principais impulsores do crescimento econômico chinês, apoiada em parte pela demanda externa estável. O ímpeto de novas forças produtivas de qualidade tornou-se cada vez mais evidente.

No comércio exterior, intercâmbio total de mercadorias da China aumentou 2,9% na primeira metade do ano em relação a igual período anterior, para US\$ 3,04 trilhões, impulsionado pelos esforços extenuantes do país para otimizar sua estrutura de comércio exterior e estabilizar o crescimento econômico, de acordo com dados da Administração Geral de Alfândegas da China na segunda-feira.

Analistas apontaram que o crescimento constante da China ocorre em um momento em que as preocupações com uma possível desaceleração sob o tarifaço desencadeado desde Washington surgem em muitas partes do mundo.

Leia a íntegra no site do HP

Tarifaço de Trump e a questão nacional

A partir de suas ameaças, ele [Trump] terminou por estimular a criação de uma ampla frente em defesa de medidas a serem adotadas pelo governo brasileiro na defesa dos diferentes atores envolvidos

PAULO KLIASS*

Talvez ainda seja muito cedo para avaliarmos com todos os detalhes as consequências do mais recente episódio desta que promete ser uma longa temporada da série “O tarifaço de Donald Trump”. O novo Presidente estadunidense tomou posse no dia 20 de janeiro e, de lá para cá, sua gestão tem se caracterizado como um grande movimento carregado de imprevisibilidades. Ele atua no cenário internacional como uma verdadeira metralhadora giratória, dando tiro para todos os lados e atingindo indistintamente países e atores sociais de vários tipos.

Ainda que ele termine por passar uma imagem de alguém louco e desequilibrado, o fato é que na maioria das vezes sua estratégia tem uma racionalidade bem definida. Trump via de regra inicia um processo com bastante agressividade, posiciona suas peças em um espaço bem avançado e depois aceita recuar aos poucos, caso necessário. O problema é que ele costuma iniciar vários movimentos simultaneamente, sempre com o objetivo de se manter como o centro das atenções e ser visto como o ator mais relevante, buscando manter o monopólio das iniciativas.

Em menos de seis meses à frente da Casa Branca, ele já cutucou agressivamente parceiros históricos e vizinhos estratégicos, como o Canadá e o México. Por outro lado, também lançou ameaças em direção à Dinamarca (e, por isso, indiretamente à própria União Europeia) por conta de suas bravatas a respeito de eventual ocupação da Groenlândia. O mesmo foi feito em direção do Panamá, com as ameaças de retomar o canal que permite a interligação dos Oceanos Pacífico e Atlântico. Em sua estratégia confusa, Trump tem conseguido se afastar de parceiros relevantes na cena geopolítica global.

O BRASIL CONTRA TRUMP E BOLSONARO

Em sua tentativa de consolidar o movimento em favor da recuperação da capacidade industrial e econômica interna aos Estados Unidos, o novo Presidente lança o “Make America Great Again”, o MAGA – “Faça os Estados Unidos grande de novo”. Para tanto, ele lançou mão da política de tarifas sobre as importações efetuadas pelos agentes econômicos norte-americanos. Construiu um movimento errático, carregado de idas e vindas, de avanços



e recuos. Mas a cada novo passo, apresentava uma alternativa de recuo. Nem mesmo Javier Milei, o Presidente da Argentina e trumpista de primeira hora, foi poupado de medidas de restrição nas exportações do nosso país vizinho para lá.

No caso brasileiro, fomos atingidos por aquela primeira medida ampla e geral de 10% de tarifas para importações de todos os países e produtos. Em seguida, também fomos afetados pela imposição de tarifas de 25% sobre as importações de aço e alumínio. E agora, mais recentemente, surgiu a nova medida, com uma alíquota generalizada de 50% sobre todas as importações de origem brasileira. A ameaça foi acompanhada de argumentos que nada têm a ver com relações comerciais, uma vez que o Brasil é deficitário nas relações econômicas com os Estados Unidos. Ou seja, na Balança Comercial entre os dois países, importamos mais do que exportamos. Na verdade, o fato mais relevante teria sido o processo contra o ex Presidente Jair Bolsonaro no Supremo Tribunal Federal (STF). É sabido que o deputado federal licenciado Eduardo Bolsonaro está há vários meses nos Estados Unidos, realizando um lobby desesperado em defesa de seu pai e contra o governo brasileiro.

Ocorre que a decisão de Trump, anunciada para entrar em vigor a partir de 1º de agosto, afeta negativamente um conjunto amplo de setores de nossa economia, além de ter o significado de uma ingerência externa indevida no processo jurídico de nossa mais alta corte do Poder Judiciário. O resultado deste processo tem sido o crescente isolamento do bolsonarismo em nosso ambiente político e partidário, uma vez que seus defensores mais aguerridos chegaram a defender as medidas do Presidente estadunidense contra o Brasil.

TRUMP AGRIDE O BRASIL E O MUNDO

O fato concreto é que o tarifaço de Trump recoloca em cena o debate a respeito da chamada “questão nacional”. A partir de suas ameaças, ele terminou por esti-



A decisão de Trump, anunciada para entrar em vigor a partir de 1º de agosto, afeta negativamente um conjunto amplo de setores de nossa economia, além de ter o significado de uma ingerência externa indevida no processo jurídico de nossa mais alta corte do Poder Judiciário. O resultado deste processo tem sido o crescente isolamento do bolsonarismo em nosso ambiente político e partidário, uma vez que seus defensores mais aguerridos chegaram a defender as medidas do Presidente estadunidense contra o Brasil

mular a criação de uma ampla frente em defesa de medidas a serem adotadas pelo governo brasileiro na defesa dos diferentes atores envolvidos. Desta forma, uma das consequências políticas foi o fortalecimento da figura do Presidente Lula. Um conjunto de setores que não tinham

praticamente nenhuma simpatia pelo Chefe do Executivo passaram a se aproximar dele, uma vez que a prerrogativa de operar as relações comerciais é da Presidência da República.

Ao que tudo indica, Lula tem conseguido sair do relativo isolamento político em que se encontra e até mesmo algumas pesquisas de opinião passaram a demonstrar uma melhoria nos índices de aprovação de seu governo. Ao assumir para si a coordenação das ações em defesa das empresas e dos setores exportadores brasileiros afetados pela nova etapa do tarifaço trumpista, o nosso Presidente tem conseguido apoio dos principais grandes meios de comunicação e mesmo de representantes de associações empresariais que nem sempre lhe são muito simpáticos.

No plano internacional, a chancelaria brasileira tem recebido manifestações de apoio de diferentes países. Até mesmo a China, normalmente bastante discreta em suas movimentações, tornou pública a sua condenação das ameaças norte-americanas, saindo em defesa das posições assumidas por nosso governo. Uma das interpretações está associada ao fato de Trump ter visado também os BRICS ao impor esse novo tarifaço ao Brasil. O governo estadunidense tem buscado tomar ofensiva contra o movimento generalizado pela desdolarização nas trocas internacionais, chegando a afirmar que isso equivaleria aos EUA perderem uma guerra.

TARCÍSIO: UM BOLSONARISTA CONTRA O BRASIL

Assim, o receio da perda da hegemonia do dólar nas relações internacionais também tem

sido um fator a estimular as ações de Trump contra os países membros do “novo” bloco, que tem contado a cada dia que passa com novos membros. Além do clima de hostilidades contra a China, a Casa Branca agora ameaça escalar também o seu tom com anúncio de medidas duras contra a Rússia. Ao contrário do que afirmava anteriormente, Trump passou a criticar abertamente o Presidente Putin por conta de suas posições no conflito com a Ucrânia. A ameaça mais recente menciona a possibilidade de novas tarifas de 100% sobre as importações oriundas da Rússia, caso aquele país não assinasse um cessar fogo com seu vizinho.

A identificação de um agente externo como responsável pela crise interna costuma facilitar a consolidação de uma frente ampla, em defesa da soberania nacional e dos interesses brasileiros nas relações com o resto do mundo. No caso concreto, a postura de Trump oferece de bandeja a Lula o elemento que lhe fazia falta para construir um movimento robusto em defesa do Brasil. Neste movimento, até mesmo figuras como o governador de São Paulo, o carioca Tarcísio de Freitas, saem chamuscadas. Em razão de suas raízes históricas de vinculação com Bolsonaro e sua família, o chefe do governo paulista chegou a manifestar simpatia à iniciativa de Trump. Tal irresponsabilidade política e social tem lhe custado muito caro e, mesmo depois de buscar uma correção de rota, Tarcísio passou a ser visto com muita desconfiança por parte da própria elite empresarial paulista e mesmo nacional.

O presidente Lula e a bandeira nacional (Foto: Ricardo Stuckert)

LULA COSTURA A FRENTE EM DEFESA DO BRASIL

Sob tais condições, Lula tem a seu dispor a alternativa de exigir contrapartidas dos empresários. Isso porque o discurso não pode se restringir apenas a defender os interesses do capital nessa polêmica do tarifaço e de suas consequências sobre a economia e a sociedade brasileiras. O governo deve defender os setores afetados, uma vez que os reflexos de uma redução do mercado exportador norte-americano são significativos. No entanto, também neste caso fica evidenciado que apenas apelar e aguardar pela fadinha mágica das livres forças de mercado não resolve quase nada. A presença do Estado no estabelecimento de políticas públicas é fundamental para evitar danos à capacidade exportadora das empresas. Assim, percebe-se que é plenamente justificável as demandas para que Lula estabeleça a exigência de compromissos com a manutenção dos empregos, com níveis dignos de remuneração e com as condições de trabalho dos assalariados.

Ao fim e ao cabo, as trapalhadas de Trump terminam por fortalecer a unidade de amplos setores da nossa sociedade contra os extremismos de ultra direita bolsonarista e também para servir como alerta para que seja reforçada uma estratégia de defesa de nossa soberania nacional contra os desmandos do imperialismo ianque.

*Paulo Kliass é doutor em economia e membro da carreira de Especialistas em Políticas Públicas e Gestão Governamental do governo federal